



BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA



Métodos e Técnicas de Estudos

Iracema Campos Cusati

Ministério da Educação – MEC
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior – CAPES
Diretoria de Educação a Distância – DED
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Programa Nacional de Formação
em Administração Pública – PNAP
Bacharelado em Administração Pública

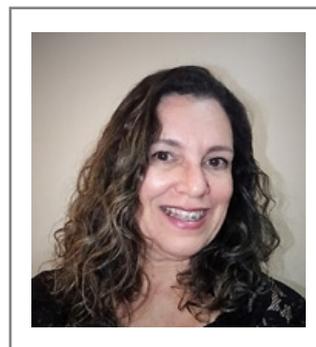
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Métodos e Técnicas de Estudos

Iracema Campos Cusati

Profa. Iracema Campos Cusati

Licenciada e Bacharel em Matemática pela Universidade Federal de Viçosa (1992), Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1999) e Doutora na área de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Faculdade de Educação da USP (2013). Professora Adjunta do Colegiado de Matemática da Universidade de Pernambuco - UPE e Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) - Mestrado Profissional, da Universidade de Pernambuco (UPE Campus Petrolina) e em Educação Matemática e Tecnológica (PPGEumatec) – Mestrado e Doutorado, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência na área de Educação atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação Matemática, Ensino-aprendizagem de Matemática, Didática da Matemática, Avaliação Educacional, Docência no Ensino Superior, Educação Integral, Formação de Professores para a Diversidade Cultural e Educação a Distância. Atualmente desenvolve estudos e pesquisas com ênfase em Formação de Professores na perspectiva Intercultural e em Políticas Públicas para a Educação Superior na América Latina. Avaliadora ad hoc de Cursos e de Instituições de Educação Superior (BASIs/INEP/MEC). Membro do Conselho Editorial da Editora Ibero- Americana de Estudos em Educação (EIEE) e membro afiliado da Rede CpE. Atua como Parecerista ad hoc em eventos científicos da FEA/USP nas áreas de Matemática e Educação.



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C984m Cusati, Iracema Campos
Métodos e técnicas de estudos / Iracema Campos Cusati. – Brasília:
PNAP; Recife: UPE / NEAD, 2021.

86 p.: il.
Formato: pdf
Material didático utilizado no Bacharelado em Gestão Pública – UAB –
PNAP

ISBN 978-65-89954-12-5

1. Método de estudo. 2. Redação acadêmica. I. Universidade Aberta do
Brasil. II. Programa Nacional de Formação em Administração Pública.
III. Título.

CDD 001.42

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR | CAPES

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS DIDÁTICOS

Universidade de Pernambuco | UPE

AUTOR DO CONTEÚDO

Iracema Campos Cusati

EQUIPE TÉCNICA – UPE | NEAD

COORDENAÇÃO DO NEAD - UPE

Renato Medeiros de Moraes

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Roberto Luiz Alves Torres

PROJETO GRÁFICO

José Marcos Leite Barros

EDITORAÇÃO

Anita Maria de Sousa

Aldo Barros e Silva Filho

Enifrance Vieira da Silva

Danilo Catão de Lucena

REVISÃO TEXTUAL

Maria Tereza Lapa Maymone de Barros

Geruza Viana da Silva

CAPA

José Marcos Leite Barros



MÉTODOS E TÉCNICAS DE ESTUDOS

Profa. Iracema Campos Cusati

Apresentação da Disciplina

Prezado(a) aluno(a)! Seja bem-vindo(a) à unidade curricular Métodos e Técnicas de Estudos, que tem como objetivo principal apresentar aos estudantes do Curso de Bacharelado em Administração Pública, modalidade a distância, da Universidade Aberta do Brasil (UAB), os aspectos teóricos e práticos de um processo de leitura, análise, interpretação e elaboração textual para a compreensão da ciência, da pesquisa e da escrita acadêmica na Sociedade do Conhecimento.

Você encontrará, neste volume, ferramentas importantes que viabilizarão os processos de estudo e aprendizagem, visando oportunizar momentos de elaboração de sínteses de leituras e de documentação como método de estudo pessoal, que são atividades consideradas fundamentais para a escrita de trabalhos acadêmicos. Para isso, são apresentadas técnicas e estratégias de leitura e escrita, visando estimular hábitos essenciais para sua rotina de estudo. Seguindo orientações de vários escritores renomados na área, são abordados aspectos relacionados à linguagem a ser utilizada na apresentação da escrita, bem como a formatação estrutural, de acordo com as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), para ajudá-lo(a) na elaboração de trabalhos acadêmicos, inclusive na produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Finalizando, vale destacar que esta unidade curricular está orientada para permitir que você alcance o seu propósito de estudo, com rigor ético e científico, num ambiente autorreflexivo que o auxiliará a internalizar mais profundamente os temas apresentados. Confiante de que a aprendizagem é parte integrante de nossas vidas, este material procura estimulá-lo(a) ao desenvolvimento de hábitos fundamentais para uma rotina de estudos e instigá-lo(a) ao desenvolvimento de uma escrita acadêmica bem fundamentada, crítica e criativa. Espero que tenha um ótimo percurso nesse caminho!

Cordialmente.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - MÉTODOS DE ESTUDO: ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS	9
Seção 1 - O Estudo na Universidade: Principal Atividade do Estudante	11
Seção 2 - Sobre o Prazer de Estudar: Hábitos Essenciais para a Rotina de Estudos	13
Seção 3 - Métodos de Estudo: Processo de Leitura, Análise e Interpretação de Texto	16
Processo de leitura	17
Análise, interpretação e síntese de texto	18
Seção 4 - Técnicas de Leitura: Sublinhar, Esquematizar e Resumir	27
A técnica de sublinhar	27
A técnica de esquematizar	28
A técnica de resumir	29
Seção 5 - A Técnica da Documentação como Método de Estudo Pessoal	31
CAPÍTULO 2 - ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DE UM TEXTO CIENTÍFICO	37
Seção 1 - Fichamentos	39
Seção 2 - Técnicas para Elaboração de Resumo	41
Seção 3 - Resenha	42
Seção 4 - Ensaio	43
Seção 5 - Citação: Conceito, Tipos e Regras	45
Seção 6 - Trabalhos Científicos	49
Seção 7 - A Estrutura de um Artigo Científico	50
CAPÍTULO 3 - CIÊNCIA E CONHECIMENTO	59
Seção 1 - A Universidade como Universo de Conhecimentos	61
Seção 2 - O Paradigma Moderno de Ciência e os Graus de Conhecimento	65
Seção 3 - A Universidade e o Desenvolvimento da Ciência no Brasil	70
Seção 4 - Desafios para a Ciência e a Universidade na Sociedade do Conhecimento	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
ANEXO 1	83
REFERÊNCIAS	84

CAPÍTULO I

MÉTODOS DE ESTUDO: ORIENTAÇÕES ESSENCIAIS

Profa. Iracema Campos Cusati

Assuntos Abordados Neste Capítulo:

- O Estudo na Universidade: principal atividade do estudante;
- Sobre o prazer de estudar: hábitos essenciais para a rotina de estudos;
- Métodos de estudo: processo de leitura, análise e interpretação de texto;
- Técnicas de leitura: sublinhar, esquematizar e resumir;
- A técnica da documentação como método de estudo pessoal;

Meta (Objetivos Específicos de Aprendizagem)

Ao finalizar este Capítulo, você deverá ser capaz de:

- Analisar a forma e as condições de estudo a que você tem acesso para garantir sua busca de conhecimento;
- Comparar as características essenciais a uma rotina de estudo à ausência, ou não, dessas condições, em seu cotidiano, que possam acarretar dificuldades para a viabilização de um estudo eficiente;
- Descrever e comentar sobre as possibilidades de uso das técnicas de estudo apresentadas neste capítulo;
- Identificar quais as estratégias de estudo que você considera adequadas a seu ritmo de estudo;
- Indicar as principais características dos métodos de estudo;
- Explicar e exemplificar sublinhado, esquema e resumo;
- Dominar técnicas e utilizar estratégias que favoreçam a aprendizagem;
- Destacar a importância da técnica de documentação de estudos;

- Refletir sobre a influência do estudo na consecução de seu projeto de vida;
- Apresentar, sucintamente, a contribuição da sua formação universitária para a transformação e ascensão pessoal e profissional.

Construindo Aprendizagem

Caro estudante,

Nesta primeiro capítulo vamos dialogar sobre a importância dos Métodos de Estudo para que você possa vislumbrar, e tenha, uma aprendizagem bem qualificada na sua formação.

Estudar não é uma tarefa difícil. Difícil é encontrar os métodos de estudo adequados, uma vez que o sucesso do estudo não passa apenas pela inteligência e pelo esforço, mas também pela eficácia e pela escolha dos métodos adequados a sua aprendizagem que conduzirão à obtenção de bons resultados. Nesse sentido, a grande importância que os diversos métodos de estudo têm na vida dos estudantes é tornar o processo de aprendizagem mais eficaz.

Cada estudante tem seu modo de aprender. No entanto, se você tiver uma prática de estudo bem organizada, em condições que favoreçam um bom estudo, inclusive um ambiente propício para sua concentração, e utilizar métodos adequados, certamente desenvolverá seu conhecimento no conjunto de disciplinas que compõem o seu curso de Bacharelado.

O estudo é muito mais do que a simples memorização dos conteúdos transmitidos pelo professor, embora essa seja a primeira ideia que temos quando falamos ou tentamos explicar o que estudamos. As técnicas de estudo são várias e diferentes a cada disciplina, uma vez que um método pode ser válido para um indivíduo e não para outro. Também diferem dentro dos conteúdos das disciplinas, pois o melhor método de estudo para um assunto não será, certamente, o melhor para estudar um outro assunto. Portanto, os métodos de estudo que iremos abordar ao longo dessa unidade, abrangem: processos e técnicas de leitura, exercícios envolvendo sublinhados, esquemas, resumos e escrita, métodos que, pontualmente, iremos explicitar de forma elucidativa e crítica.

Pronto para iniciar?

Então, mãos à obra!

Inicialmente conversaremos sobre a principal atividade do estudante universitário que é estudar. Na sequência, abordaremos métodos e técnicas de estudo que, utilizados nas atividades propostas, auxiliarão no desenvolvimento e na apropriação de todo o conteúdo que será apresentado nessa disciplina.

Bons estudos!

Questões Mobilizadoras de Reflexão Sobre o Assunto

Como você estuda? Como você vê seus estudos? Você já pensou na autonomia e na responsabilidade que você assume perante a sua própria aprendizagem? Que método(s) de estudo/aprendizagem você conhece e utiliza? Você considera que a forma como estuda tem auxiliado em sua aprendizagem? Você conhece as etapas que usualmente são empregadas na leitura e na análise de um texto? Quais critérios você utiliza para sintetizar e registrar textos lidos?

Essas são algumas questões que permitirão a você fazer uma autorreflexão e trazer à tona os métodos que você usa de forma intuitiva, afetiva e cognitiva, produto de sua experiência de vida e de técnicas aprendidas no sentido de teorizá-las, orientadas numa ação educativa para o desenvolvimento de suas competências acadêmicas e/ou profissionais. As cinco seções a seguir irão orientá-lo a desenvolver boas leituras e condições de estudo para você expandir e melhor qualificar sua formação. Além disso, esperamos que essa prática o acompanhe durante toda a trajetória acadêmica e em toda sua vida, pois estudar é um processo contínuo.

Seção 1- O Estudo na Universidade: Principal Atividade do Estudante

Estudar é um processo realizado pelos estudantes para aprender coisas novas. Não é algo fácil, pois requer esforço e dedicação embora a aprendizagem seja parte integrante da nossa vida. Tem-se como pressuposto que na Universidade os estudantes aprendem, uma vez que seu papel central é preparar as novas gerações para o domínio de uma capacidade e de um conjunto de conhecimentos. Por isso, a etapa de formação universitária exige uma série de atividades dos estudantes, para as quais devem ser garantidas condições mínimas necessárias para o equacionamento das dificuldades frequentemente encontradas, de forma a viabilizar a formação humana e profissional pretendidas nessa etapa.

Nesse sentido, entrar numa universidade, confere extremo valor destinar ao jovem universitário a ideia de que deva buscar sua participação na vida acadêmica, dentro de uma realidade social, dinâmica e participativa, baseada num referencial teórico, metodológico e científico e que oportunize sua transformação, passando a ver o estudo como requisito básico de ascensão pessoal e profissional. Assim, as formas e condições de estudo a serem concedidas aos alunos devem garantir a busca de conhecimento pois a ausência dessas condições pode acarretar dificuldades de viabilização de um estudo eficiente.

É fato que, para participar da vida universitária, implica adquirir novas posturas e responsabilidades e a principal delas é a conscientização de que o resultado do processo formativo depende principalmente de cada um. A aprendizagem de fatos, dados, conceitos, habilidades e competências não ocorre sem a produção de uma consciência dessa aprendizagem. Espera-se que, nos espaços de produção e reprodução

de conhecimentos gerados pela universidade, também se forme uma consciência voltada para o social. Essa temática foi investigada por Leite (1990; 2002) constatando que, ao ingressarem em seus cursos, os estudantes se consideravam interessados em aprender; no entanto, no decorrer do tempo, apenas alguns, com referência a amostra examinada, conseguiram estabelecer significados para suas aprendizagens. Esses estudantes eram capazes de reconhecer o conhecimento adquirido com o qual trabalhavam em seus cursos e elaboravam representações sobre si mesmos e sobre a identidade social como universitários e cidadãos.

Atendendo à sua função social, a universidade propicia formação profissional, científica e política. Além disso, a universidade exerce uma influência sobre o estudante que vai além do contato aluno-professor, por compreender valores, normas e orientações partilhadas pelos estudantes, as quais fazem parte de uma capacidade ampla de resposta aos contextos e entornos universitários, um repertório de respostas coletivas ou individuais aos problemas percebidos.

É isso que dá sentido à própria palavra “universidade” que cumpre seu papel social ao desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão e que, ao fazer isso, torna-se espaço de produção de conhecimento.

Nesse sentido, cabe a você a responsabilidade de estudar, sendo sujeito de sua formação, indagando, investigando, debatendo e propondo soluções. À instituição universitária, cabe ensinar e propiciar as condições para que você possa estudar e aprender. A modalidade a distância é desenvolvida numa concepção sistêmica, isto é, num tipo de organização em que todos os envolvidos têm responsabilidades e trabalham cooperativamente.

No livro intitulado “Metodologia para quem quer aprender”, publicado em 2008 pela Editora Atlas, Pedro Demo faz duas observações que não podemos desconsiderar. O autor alerta: não se aprende sem estudar, e o aluno precisa aprender a estudar. Nessa perspectiva, o desafio é fazer o estudante ser um autor, um cientista, um pesquisador. Mas essa mudança em sua formação implica que deva ocorrer, também, no professor. A formação acadêmica dos tempos atuais precisa focar em experiências concretas de pesquisa, pois é esse o caminho inevitável para a aprendizagem.

Só se aprende quando se entende. Para entender, porém, não basta apenas acompanhar e participar de aulas. Aprender implica atividades de análise e interpretação que ocorrem à medida que o conteúdo for reconstruído/elaborado autoralmente pelo estudante. A aprendizagem está em sua autoria, por isso é essencial você adotar bons métodos e técnicas de estudo. O professor não participa desse processo por repassar dicas, facilitar e reproduzir informações. Se levarmos em conta essas observações e considerarmos que ser autor, cientista, pesquisador é ser protagonista na sociedade de hoje, torna-se premente ter a experiência bem concreta de aprender como autor (DEMO, 2015). Resulta disso tudo que é preciso aprender a aprender, pois é indispensável e urgente investir em aprendizagem.

Vamos avançar essa reflexão na próxima seção.

Seção 2 - Sobre o Prazer de Estudar: Hábitos Essenciais para a Rotina de Estudos

A compreensão que você tem a respeito do ato de estudar o auxilia a traçar o seu perfil quanto aos seus hábitos de estudo e à consecução do seu projeto de vida.

Encontrar um sentido no ato de estudar é a melhor motivação para que você se organize e eleja um ambiente propício para despertar sua concentração, seu foco e a autorreflexão. Enfim, que você sinta **prazer em estudar**.

Na seção anterior, falamos um pouco sobre a principal atividade do estudante na universidade que é estudar. O tempo dedicado para estudar é estabelecido em função da necessidade de aprendizagem de cada um. Dedicar muito tempo para estudar não representa, necessariamente, qualidade de estudo.

Nesta seção vamos destacar aspectos que possam auxiliá-lo no planejamento de uma rotina de estudo. O importante é que você consiga manter sua rotina de estudo voltada à aquisição de conhecimento e observe os resultados que advém dessa postura.

Fazer um planejamento semanal, incluindo os estudos do dia, é uma ótima maneira para organizar o seu tempo de estudo, pois o ajudará a antecipar os problemas e aproveitar melhor o que será aprendido.

Para se conseguir fazer um bom planejamento, é preciso organizar as tarefas de acordo com as suas necessidades de aprendizagem, pois, deste modo, você melhor se orienta para tomar decisões, fazer planos e estabelecer compromissos com autonomia.

Nesse sentido, seria interessante iniciar a estrutura de sua rotina de estudo, organizando uma planilha que tem por finalidade principal estabelecer objetivos e metas de estudo, além de demonstrar motivação, dedicação e comprometimento com a sua própria formação ao gerenciar suas atividades estudantis diárias. O modelo abaixo é uma sugestão que também está disponível no Anexo 1.

Planejamento Semanal

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado
MANHÃ						
TARDE						
NOITE						

O mais importante é ter um controle semanal de seus estudos, seja preenchendo em uma planilha, como a sugerida, ou numa outra estrutura que melhor organize sua rotina de estudo de maneira condizente com o seu perfil de aprendizagem.

O planejamento é importante em qualquer etapa da vida, para atividades cotidianas pessoais e profissionais. Quando não o fazemos, podemos ter dificuldade em cumprir desde tarefas corriqueiras até as assumidas de forma casual ou vinculadas ao compromisso laboral, pois exige engajamento, disciplina e responsabilidade.

Por esse motivo, convido-lhe a assistir ao vídeo que mostra a rotina de um trabalhador que não planeja seu dia. “O desorganizado”. Disponível em: <<https://vimeo.com/37819929>>. Acesso em outubro de 2020.

A sugestão para assistir ao vídeo é que, antes de começar a explorar a rotina de estudo, você analise e comece a explorar o grau de autoconhecimento de seu perfil enquanto estudante. Esforce-se para responder às seguintes questões:

- Por que estudar?
- Qual o meu tempo dedicado para estudar?
- Como costumo aprender melhor?
- Qual a minha melhor motivação para estudar?

Ter domínio sobre as boas razões para estudar é uma prática de autoconhecimento, que atua, primeiramente, impulsionando a motivação, a organização, a definição de prioridades; também deixa você mais capaz de manter o foco nos conteúdos a serem estudados e nas metas a serem alcançadas.

Um estudo realizado em 15 países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)¹ interrogou quais são os benefícios sociais da educação e constatou:

1. Estudar ajuda a desenvolver habilidades.
2. Estudar ajuda a melhorar a condição social.
3. Estudar torna a pessoa mais feliz e pode, inclusive, viver mais.

As afirmações acima, com base no estudo da OCDE, podem ajudá-lo a refletir sobre a importância dos estudos na vida das pessoas e a trazer o contexto dessas 3 afirmações para a sua própria vida. Você deve conhecer pessoas que atribuem ao estudo a mudança ocorrida na vida delas.

¹ OECD. What are the social benefits of education? Disponível em: <[https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/EDIF%202013--N%C2%B010%20\(eng\)--v9%20FINAL%20bis.pdf](https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/EDIF%202013--N%C2%B010%20(eng)--v9%20FINAL%20bis.pdf)>. Acesso em: setembro de 2020.

A fim de identificar o que precisam aprender, as pessoas fazem um levantamento de acordo com o que buscam conquistar ao longo da vida escolar ou do projeto de vida. Para facilitar esse exercício, elaboram uma lista de desejos e depois estabelecem quais conhecimentos são necessários para realizar seus anseios. Essa é uma ação que, além de ajudar as pessoas refletirem sobre os seus esforços, auxilia também na identificação das limitações de cada uma.

Para você descobrir como costuma aprender, é necessário que identifique os fatores internos e externos que contribuem ou não para o avanço de sua aprendizagem. É preciso reconhecer a forma de estudar que é mais eficaz para o seu estilo de aprendizagem² e se está de acordo com a sua bagagem de conhecimento.

Assim, é necessário fazer um levantamento sobre o seu estilo de aprendizagem, por exemplo, se aprende melhor quando faz anotações, esquemas, resumos ou se realiza uma lista de exercícios; se começa a estudar sempre pelos conteúdos que considera ter mais dificuldades de compreensão; se não costuma passar mais de 2 horas estudando uma mesma disciplina; se costuma ler o mesmo conteúdo em livros diferentes; se depende de um lugar totalmente silencioso para estudar etc. Detectar os fatores cognitivos, afetivos, físicos e ambientais que incidem sobre seu ato de aprender contribui para uma perspectiva de mudança que facilita a aprendizagem.

Os estilos de aprendizagem estão centrados, geralmente, em como as pessoas gostam de aprender e como se comportam durante o processo de aprendizagem. Referem-se a preferências e tendências individualizadas de cada pessoa, que influenciam em sua maneira de aprender um conteúdo.

David Kolb (1984) destaca duas dimensões no processo de aprendizagem, que correspondem a dois caminhos pelos quais aprendemos, considerando que o primeiro se refere a **como** percebemos a nova informação e o segundo ao **modo** como processamos o que percebemos. Conclui que há quatro tipos básicos de estilos dominantes de aprendizagem: convergente, divergente, assimilativo e criativo.

² É a forma como cada pessoa se concentra, processa, internaliza e retém a informação durante o processo de aprendizagem que é um fenômeno natural do ser humano e envolve fatores cognitivos, afetivos, físicos e ambientais.

Com base nessas denominações, Peter Honey and Alan Mumford (1986), desenvolveram experiências na Inglaterra, mais voltadas a empresários, e designaram algumas características essenciais em cada um dos 4 estilos de aprendizagem propostos por Kolb, como veremos a seguir:

- **Estilo ativo:** característica de pessoas que se destacam pela vivacidade e pelo gosto por novas experiências;
- **Estilo reflexivo:** peculiaridade de pessoas mais ponderadas que as de estilo ativo, caracteriza as que utilizam observação e análise antes de tomar decisões;
- **Estilo teórico:** traço marcante daqueles que buscam integrar as observações às teorias considerando a racionalidade, a objetividade, a lógica e a síntese;
- **Estilo pragmático:** atributo dos que tendem a colocar em prática as ideias, cujo objetivo central é a funcionalidade.

Robert Sternberg (1999) afirma que os estilos de aprendizagem podem ser considerados como uma maneira de pensar e de processar as informações que são disponibilizadas. Para Dantas (2011, p. 3) esses estilos “relacionam-se à maneira pela qual as pessoas integram com as condições de aprendizagem, abrangendo aspectos cognitivos, afetivos, físicos e ambientais que podem favorecer o processamento de informações”.

Portanto, a importância do estudo na sua formação acadêmica e profissional é mais identificada quanto mais você distingue/reconhece o contexto de sua própria vida. Para isso ocorrer, vale ressaltar quão necessário é você conhecer métodos e técnicas de documentação de seu estudo.

Seção 3 - Métodos de Estudo: Processo de Leitura, Análise e Interpretação de Texto

Os métodos de estudo são definidos como um conjunto de estratégias utilizadas para se conseguir estudar, organizar a rotina acadêmica, melhorar a aprendizagem e obter sucesso escolar. Mas não é uma atividade a ser usada somente na universidade pois, como vimos anteriormente, quando você desenvolve uma rotina de estudos, essa o acompanhará nas atividades diárias cotidianas e profissionais. Ter método de estudo é necessário para que você saiba estudar de forma otimizada, poupando tempo e esforço, em prol de uma aprendizagem bem sucedida.

É válido lembrar que não existe um método de estudo bom ou melhor que outros. O que deve ser considerado é que cada pessoa pode escolher o método de estudo que melhor se adequa a seu processo de aprendizagem. Muitos alunos abandonam o estudo não por falta de capacidade ou de conhecimento, mas pela falta de motivação e pela não utilização de um método condizente.

Por isso abordaremos, nesta seção, dois grandes eixos vinculados aos métodos de estudo: **Processo de Leitura** e de **Análise de texto**.

Processo de Leitura

O conceito de leitura ultrapassa a simples decodificação (reconhecer e traduzir sílabas ou palavras do código escrito), ou seja, a habilidade que se deve ter de leitura é atribuir significado ao que se lê.

A leitura enriquece nossas opiniões e amplia nossa visão de mundo. Nessa perspectiva, a contribuição da leitura é fundamental, desde que seja determinado o que será lido e os elementos a serem identificados que vão auxiliar no entendimento do texto. Somente seguindo estes propósitos e desenvolvendo minuciosamente sua leitura, você terá melhores resultados na sua aprendizagem que, segundo DEMO (2008, p. 21-22), “requer dedicação sistemática transformada em hábito permanente”.

Antes de iniciar qualquer leitura, é preciso **delimitar uma unidade de leitura**, orienta Severino (2007). Essa é a primeira etapa na qual você vai determinar o que será estudado. A unidade de leitura é o que você define para ser lido, por exemplo, um livro, um capítulo, uma seção ou um artigo. A extensão da **unidade de leitura** você determinará proporcionalmente à acessibilidade do texto, considerando a familiaridade que tem com o assunto tratado.

“Todo texto é portador de uma mensagem, concebida e codificada por um autor, e destinada a um leitor que, para apreendê-la, precisa decodificá-la” (SEVERINO, 2007, p. 51). Por isso, a leitura está sempre situada, ou seja, permite ao leitor entender a mensagem transmitida pelo autor via encadeamento de ideias, fatos e história. Ainda, de acordo com Severino (2007, p. 54), “a leitura de um texto, quando feita para fins de estudo, deve ser feita por etapas, ou seja, apenas terminada a análise de uma unidade é que se passará à seguinte.” Essa observação é válida pois, se você a seguir, quando terminar o processo de leitura, sentirá em condições de refazer e relatar os pontos principais da obra lida, “reduzindo a uma forma sintética” (SEVERINO, 2007, p. 54).

Delimitar uma unidade de leitura o auxiliará a compreender melhor o texto e a fazer analogias dos conhecimentos obtidos em diferentes contextos político, econômico, cultural e social a que pertencem leitor e autor.

Após a escolha do texto (unidade de leitura), você deve **fazer a identificação de elementos** como: o **tipo de texto**, a **referência bibliográfica** e os **dados biográficos e bibliográficos do autor**.

Ao fazer a **identificação do tipo de texto**, considere as diferentes características relacionadas a cada um deles:

- **Informativo:** aquele que tem como objetivo veicular a informação.

- **Literário:** tem caráter de expressão artística.
- **Filosófico:** que apresenta reflexão rigorosa do significado das coisas e dos fatos.
- **Científico:** aborda o tema apresentando um raciocínio construído na fundamentação comprovada e provendo o leitor de conhecimento teórico e metodológico.

Em relação a **referência bibliográfica** da publicação, você deve atentar às informações constantes na Ficha Catalográfica que, no caso de livro, encontra-se inserida sempre nas primeiras páginas do miolo, comumente na página 4. Você pode conferir a ficha catalográfica do livro que está lendo e identificar as informações nela contidas: nome do autor, título da obra, cidade onde foi publicada, editora responsável pela publicação, ano de publicação e as palavras-chave referentes aos assuntos de que trata a obra.

O uso de referência bibliográfica em uma produção escrita fundamenta o texto e mostra as fontes que foram consultadas bem como aquelas em que o autor se baseou para escrever seu texto. No meio acadêmico, a presença de citações e de fontes é fundamental para que o texto seja considerado científico.

Quanto aos **dados biográficos** correspondem às informações acerca da pessoa que escreveu determinada obra, tais como a data de seu nascimento, local em que nasceu e ainda fatos que sejam interessantes acerca de sua vida ou de histórias familiares.

Os **dados bibliográficos** do autor são importantes no processo de construção do livro e também para que os leitores se sintam mais próximos ao seu autor e conheçam um pouco de sua trajetória.

Portanto, os dados biográficos e bibliográficos são de extrema importância para uma compreensão do contexto da escrita e para melhor resultado da leitura e adequada análise de um texto. Por meio destes dados, você conhecerá o autor da publicação e poderá ter uma perspectiva mais ampla das concepções abordadas na obra estudada. Se tiver interesse em aprofundar informações sobre a vida acadêmica de autores nacionais, encontra-se disponível na Plataforma Lattes no site: [<http://lattes.cnpq.br/>](http://lattes.cnpq.br/).

Análise, Interpretação e Síntese de texto

De posse das informações anteriores, destacamos a seguir as principais técnicas para análise, interpretação e síntese de informações no texto considerando que, ao chegar na universidade, muitos estudantes não têm familiaridade com leituras. As dificuldades frente às exigências podem ser

vencidas com muita disciplina que, segundo Severino (2007), é auxiliada por um método de leitura, chamado de método de leitura analítica. Esse método avança por etapas sucessivas (processos lógicos) até a compreensão global de uma unidade de leitura. As referidas etapas são a análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese pessoal. Os passos por ele propostos contribuem significativamente para uma proveitosa compreensão e assimilação dos textos estudados.

As técnicas de análise de um texto são fundamentais para haver uma boa aprendizagem dos assuntos abordados. Lembra que sugerimos a você fazer um levantamento do tempo que tem disponível para seus estudos, inclusive predeterminando os seus horários numa planilha (foi sugerido um Planejamento Semanal no qual você organize as disciplinas a estudar)? Se você preencheu a planilha para dinamizar o tempo de estudo, procure cumpri-lo. Estabelecidos os horários, manter um ritmo de estudo e seguir as diretrizes apresentadas neste e nos próximos capítulos vão lhe proporcionar êxito e prazer no desenvolvimento dos estudos, que estarão mais organizados, fluentes e eficientes.

O método de leitura analítica, que engloba técnicas de análise, permite que você consiga localizar as ideias ou conceitos mais importantes no texto que está lendo.

SAIBA MAIS

Dicas valiosas para você:

- Leia o texto ao menos duas vezes;
- Faça diagramas, esboços ou elabore frases curtas;
- Marque as partes mais importantes ou aquelas que sentir dificuldade de compreensão;
- Aprenda vocábulos novos;
- Aumente sua velocidade de leitura e compreensão do texto;
- Faça pausas de 5 a 8 minutos, para descansar, e continuar a estudar.

A constante dificuldade dos estudantes em compreender textos científicos que precisam ler na universidade pode ser atenuada, utilizando técnicas específicas de análise e interpretação de textos. Mas você já parou para pensar como deve analisar um texto? Lakatos e Marconi (2003, p. 27) explicam que

“A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto, é decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave do autor, determinar as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas, e estruturar as idéias de maneira hierárquica.”

Com essa explicação, Lakatos e Marconi (2003, p. 30-31) ressaltam que é possível entender a análise de um texto como um processo que possibilita:

- a. aprender a ler e a escolher o que é mais importante nele;
- b. reconhecer a organização e a estrutura dele;
- c. interpretá-lo, familiarizando-se com ideias, estilos, vocabulários;
- d. chegar a níveis mais profundos de compreensão;
- e. separar o importante do secundário ou acessório;
- f. desenvolver a capacidade de distinguir fatos, hipóteses e problemas;
- g. encontrar as ideias principais e as secundárias;
- h. perceber como as ideias se relacionam;
- i. identificar as conclusões e as bases que as sustentam.

SAIBA MAIS

Para esse processo avançar, são indicadas algumas etapas a serem consideradas:

- Faça a sua leitura integral do texto com o objetivo de obter uma visão do todo;
- Releia o texto, assinalando ou anotando palavras e expressões desconhecidas, buscando informações num dicionário para esclarecer seus significados;
- Após sanadas as dúvidas, faça uma nova leitura, visando à compreensão do todo;
- Leia novamente, procurando a ideia principal ou palavra-chave, que pode estar explícita ou implícita no texto;
- Localize acontecimentos e ideias, comparando-os entre si, procurando semelhanças e diferenças existentes;
- Interprete as ideias e/ou fenômenos, identificando conclusões a que o autor chegou.

Análise Textual

A *análise textual*, primeira etapa do método de leitura analítica de Severino (2007), é considerada uma atividade preparatória para que você consiga desenvolver um processo de análise mais aprofundada da unidade de leitura³ delimitada para estudar. Ou seja, é o primeiro contato com toda a unidade de leitura determinada, momento em que você fará uma leitura sistemática e completa da unidade de leitura em estudo, com a finalidade de ter uma visão panorâmica do texto e de conjunto do raciocínio do autor, tomando conhecimento inclusive da linha teórica, do estilo, do método e dos limites da abordagem do autor. Nesse momento de leitura, é fundamental fazer um levantamento de todos os elementos básicos (os dados do autor do texto, como por exemplo: a vida, a obra e o pensamento do autor da unidade), destaque os componentes desconhecidos (conceitos e termos fundamentais para a compreensão da unidade) que constam no texto e busque informações utilizando um dicionário, obras de referência relacionadas ao tema e sites especializados. Dessa forma, você não esgotará toda a compreensão do texto, mas identificará todos os pontos passíveis de dúvidas e que possam ser esclarecidos para sua melhor compreensão da mensagem do autor. Todos esses elementos e demais referenciais relativos a fatos históricos e a outros autores também devem ser considerados e transcritos em uma folha à parte. Ao final dessa leitura, você deve realizar uma pesquisa prévia para organizar as informações que desconhecia e que buscou esclarecer e aprofundar.

Em suma, nessa etapa você deve:

- ler a unidade de leitura na íntegra buscando ter uma visão do todo;
- reler a unidade de leitura assinalando as palavras e/ou expressões desconhecidas buscando conhecer seus significados;
- identificar os limites de abordagem do autor, isso é, os aspectos que estão sendo discutidos sobre determinado tema e
- fazer um esquema do texto para apresentar uma visão de conjunto da unidade em estudo.

Observação:

O *esquema* organiza e estrutura as ideias e os conceitos abordados na unidade de leitura e serve como suporte material ao raciocínio. Desse modo, a utilidade do esquema é permitir que você tenha uma visualização global do texto: a visão panorâmica da unidade de leitura.

3 A delimitação de uma unidade de leitura foi explicada e definida na Seção 3 (tópico Processo de Leitura).

Utilizando poucas palavras em frases curtas que expressem as ideias do autor, sem modificação ou pontos de vista pessoais, o esquema te auxilia na memorização e explicação do texto lido. Para fazer um esquema, você pode utilizar símbolos diversos (linhas, setas, chaves, círculos, colchetes etc.) elaborando tópicos hierarquizados que retratam a introdução, o desenvolvimento e a conclusão do texto lido.

A esquematização da unidade de leitura não é um resumo, mas torna-se uma fase de preparação para produzi-lo, necessária para a leitura e a análise temática do texto em estudo.

Análise Temática

A análise temática é o momento em que você irá fazer uma série de perguntas cujas respostas fornecerão o conteúdo da mensagem contida no texto estudado.

Para Severino (2009, p. 18)

“é a fase de busca por compreensão, a mais objetiva possível, da mensagem do autor. É hora de saber qual mensagem ele nos transmite por meio de seu texto, ou seja, o que ele quer comunicar. Trata-se, portanto, de se saber qual o conteúdo do texto.”

Inúmeras vezes essa fase é negligenciada em nossos ambientes escolares e acadêmicos, pois muitos consideram que uma boa leitura se concretiza com a interpretação do texto. A atividade de interpretação do texto (próximo tópico que veremos) demanda uma etapa prévia a ser considerada na leitura analítica, que é a fase de compreensão, durante a qual será realizada uma escuta atenta do autor. Para isso, você deve procurar respostas a questões que deve dirigir ao autor, como as que seguem:

- Qual é o assunto abordado e qual o tema do texto? De que ele trata?
- Que problema é colocado? Por que o tema está abordado no texto e como ele está problematizado?
- Qual é o objetivo do autor?
- Que resposta o autor apresenta para o problema? Que ideias são defendidas ao explicar o tema?
- O autor apresenta hipótese? Como ele a demonstra e como a comprova?
- Qual a dificuldade a ser resolvida?
- Qual foi o raciocínio, a argumentação do autor? Que posições o autor assume?
- Qual a solução ou conclusão apresentada pelo autor?

- Quais outras ideias secundárias, eventualmente, o autor defende no texto?

Considerando as questões supracitadas, você deve reler o texto, buscando as respostas que devem ser registradas, de forma sintética, na ficha bibliográfica referente ao texto, que corresponde ao que chamamos de fichamento⁴ do texto lido.

Vale destacar que, nessa etapa, fica registrada a posição do autor, ou seja, o conteúdo que ele quer transmitir por meio de seu texto.

A análise temática representa o esforço do leitor de ouvir o autor, apreender o conteúdo da mensagem sem intervir, e decodificar sua mensagem. É a análise temática que serve de base para um resumo ou uma síntese de um texto que você aprenderá, em breve, como fazer.

Caminhamos para mais uma etapa de uma leitura analítica, a interpretação de um texto, conforme apresentaremos no tópico a seguir.

Análise Interpretativa

Nesta etapa você irá dialogar com o autor e se posicionar frente às ideias expostas por ele. A análise interpretativa é a terceira etapa da leitura analítica de um texto, é quando você faz a interpretação da mensagem do autor. “É ela que torna a leitura um processo crítico na lida com o conhecimento.” (SEVERINO, 2009, p. 19)

Interpretar “é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim é dialogar com o autor.” (SEVERINO, 2007, p. 59)

A sugestão é que você siga o seguinte roteiro:

1. Situe o conteúdo da unidade estudada: análise como as ideias do autor, expostas na unidade lida, relacionam-se com as posições gerais do seu pensamento teórico, como elas se inserem no conjunto de seu pensamento.
2. Situe o autor no âmbito do pensamento teórico, histórico, cultural e filosófico.
3. Explícite os pressupostos implicados no texto. “Pressupostos são ideias que nem sempre estão expostas no texto, mas são princípios que justificam e fundamentam as ideias defendidas pelo autor no texto, dando-lhe coerência.” (SEVERINO, 2009, p. 20-21)

4 Sobre Fichamentos estudaremos mais detalhadamente na seção 5 deste capítulo.

4. Faça um levantamento de ideias associadas às que estão presentes no texto. Podem ser ideias semelhantes, convergentes ou divergentes com as que o autor sugere quando dialogamos com ele. A intenção é que você compare, aproxime posições e destaque diferenças.
5. Formule críticas à construção do texto, bem como aos pontos de vista do autor: críticas positivas e negativas. Nesse momento, você deve formular um juízo crítico, tomar uma posição e avaliar a mensagem que foi passada pelo autor.

Observação: A crítica pessoal às posições defendidas pelo autor caracteriza-se por um momento delicado que exige maturidade intelectual por parte do leitor. Porém, o exercício de elaborar a crítica é extremamente válido e por isso sugerimos a você considerar essa etapa para que desenvolva e consolide experiência intelectual agregando e apoiando, nesse processo, suas próprias vivências.

Ao chegarmos às informações finais sobre a interpretação de um texto, destacamos que essa etapa pressupõe a realização de algumas leituras prévias do referido texto. Também auxilia nessa interpretação quando você já fez leituras sobre o assunto, tanto com abordagens teóricas semelhantes quanto com abordagens diferentes das que o autor expõe no texto em estudo.

Portanto, ao fazer uma análise interpretativa você deve refletir sobre o posicionamento do autor, fazer uma avaliação crítica das ideias esboçadas no texto estudado e, também, considerar a coerência da argumentação, a originalidade da abordagem, a profundidade no tratamento do tema e o alcance das conclusões apresentadas. Por fim, você deve fazer uma apreciação pessoal em relação às ideias defendidas pelo autor.

Terminada a etapa de interpretação, você foi informado de que não deveria se limitar à leitura somente do texto em estudo, mas acumular leituras sobre o assunto. Assim, passamos a uma outra fase intimamente ligada à interpretação, que corresponde ao momento de levantar problemas relevantes para a reflexão individual (caso seja um estudo que você fez de um texto e está escrevendo sobre ele) e, principalmente, para a discussão coletiva (caso seja uma reflexão que será desenvolvida em grupo e, conforme o caso, num seminário, num debate etc). Designamos esta etapa que subsidia o debate e a reflexão por **Problematização**.

A **problematização**, essencialmente uma atividade científica, se caracteriza pelo levantamento de questões semânticas, temáticas ou interpretativas que estão explícita ou implicitamente abordadas no texto em estudo. Severino (2009, 2007) recomenda que você releia atentamente todo o texto procurando questioná-lo. Este procedimento te ajudará a encontrar respostas aos problemas levantados.

Lembre-se de que há uma distinção entre essa fase e aquela que você determinou o problema da unidade de leitura, durante a análise temática. Naquela fase, você desvelou a situação de conflito que provocou o autor a buscar a solução do problema. A fase atual, momento da **problemati-**

zação, precisa de uma verificação das questões explícitas ou implícitas no texto lido para promover a discussão e a reflexão a que ele conduz.

Com a discussão da problemática levantada no texto lido e a reflexão gerada, o leitor tem elementos para melhor desenvolver as ideias do autor.

Síntese pessoal e registro

A atividade de elaboração de uma síntese pessoal é solicitada aos estudantes por ser um exercício de raciocínio que propicia um amadurecimento intelectual. A síntese pessoal pode ser apresentada em atividades de ensino, na forma de uma tarefa específica, de partes de um relatório ou de roteiros de seminários, por exemplo.

A elaboração de síntese pessoal enriquece a leitura analítica que foi desenvolvida por se caracterizar de uma reflexão conclusiva das temáticas abordadas no texto em estudo e analisadas ao longo da leitura.

O esforço feito pelo leitor, para refletir sobre o assunto abordado, capacita-o a extrair e estruturar as ideias essenciais do texto estudado. Essa síntese pessoal e todas as informações e reflexões elaboradas ao longo desse processo de leitura, análise e interpretação de textos devem ser transcritas em **fichamento bibliográfico** com registros manuscritos em folhas de papel ou registros digitais que organizam suas leituras por tema, área, autor, destaque de trechos que considerou importantes e identificação do motivo pelo qual a obra chamou-lhe a atenção. Igualmente relevante, lembra Severino (2009, p. 22), é você registrar os elementos coletados nas fontes de pesquisa, que lhe deram subsídios para a leitura, em fichas correspondentes (biográficas e temáticas).

Antigamente, era comum a elaboração dos fichamentos em papel cartão. Hoje, é cada vez mais raro encontrarmos fichamento em papel e, quando ainda feitos nesse suporte, são fichas realizadas em uma folha comum. A título de curiosidade, apresentamos abaixo um modelo de fichamento em papel cartão:

Características do fichamento bibliográfico

A folha de fichamento pode ser confeccionada no meio que o leitor selecionar, ou seja, em uma folha de papel, num papel cartão ou documento do Word, Google Docs, entre outros editores de texto de preferência de quem elabora. O fichamento bibliográfico é utilizado para:

- Identificar obras
- Conhecer resumidamente o conteúdo do material fichado
- Buscar as citações e referências
- Apresentar uma crítica inicial e comentários sobre o conteúdo
- Embasar a produção de textos acadêmicos

Língua Portuguesa - Profa. Andréia Motta

1

QUIMARÃES, E. *Língua portuguesa: das esquadras de Cabral aos cinco continentes*. Revista *Entre Livros - Especial Línguas*, São Paulo: Duetta, vol. 4, jan. 2006, p. 68-71

2

"A língua portuguesa é, como o galego, o espanho, o catalão, o francês, o italiano, o romeno, o sardo, o rético e o franco-provençal, uma língua românica (também chamada de língua latina ou neolatina)." (QUIMARÃES, 2006, p. 68)

3

"No conjunto dessas relações da língua portuguesa nestes oito países em que é a oficial, está em questão uma importante questão de política das línguas. Ou seja, como elas se relacionam e se distribuem para seus falantes." (QUIMARÃES, 2006, p. 71)

4

Cópia xerografada.

Fonte: conversandoportugues.com.br

Cabeçalho
Informações básicas: pode ser a disciplina para a qual o fichamento foi realizado.

Referências
Formatadas de acordo com a NBR 6023:2002.

Texto
Resumo, comentário ou citação do arquivo original. No caso da citação, usa-se o que determina a NBR 10520:2001.

Local
Onde o texto foi encontrado, como uma biblioteca, por exemplo. Neste caso, era uma cópia impressa.

Atualmente, o que é mais comum são os fichamentos feitos em arquivos de computador, com organização separada por pastas digitais ou outras bases de dados.

O uso de fichamentos digitais tem o grande benefício de não se perder tão facilmente como um cartão, que também pode manchar, rasgar-se e desgastar-se com o manuseio.

Independente do suporte utilizado, um bom fichamento bibliográfico possui um cabeçalho, que deve conter a referência bibliográfica de acordo com as normas da ABNT e o corpo, que é composto pelo resumo com indicação de citações e quaisquer outras anotações relacionadas à obra que o autor da ficha considere essenciais ou interessantes.

Observação: o fichamento bibliográfico é realizado para uso pessoal de cada leitor. Portanto, ele poderá conter tudo o que for considerado necessário (como comentários, breves avaliações e análises críticas), desde que sejam mantidos uma ordem e um padrão para todas as fichas realizadas.

Essa padronização é necessária porque o propósito do fichamento é auxiliar na organização do grande número de leituras realizadas durante o estudo. No entanto, quando um fichamento bibliográfico for solicitado como tarefa ou exercício, o melhor é utilizar e padronizar, levando em consideração as dicas a seguir.

Dicas para elaboração de um bom fichamento bibliográfico:

- Escreva de forma simples e objetiva.
- Identifique todas informações importantes dos textos lidos (Título, Autor, Editora, ano da publicação, local da publicação, edição, data de leitura etc.).
- Faça uma análise textual da obra.
- Apresente as referências de acordo com as normas da ABNT.

- Faça um pequeno resumo da obra e destaque qual o tema tratado antes de iniciar os tópicos em que apresentará a ideia-base do autor da obra e suas justificativas sobre o tema.

Com essas dicas, é possível fazer um ótimo fichamento bibliográfico!

Seção 4 - Técnicas de Leitura: Sublinhar, Esquematizar e Resumir

Nesta seção, destacaremos a importância das técnicas de leituras para que você as utilize em vários tipos de textos que são relevantes ao longo de sua formação acadêmica. Existem diferentes formas para você ler e estudar um texto. A ênfase aqui será dada às técnicas de sublinhar, esquematizar, resumir e documentar.

A Técnica de Sublinhar

A técnica de sublinhar consiste em destacar no texto as ideias principais.

Costuma-se sublinhar uma palavra ou expressão quando se quer destacar um trecho ou enfatizar um termo ou frase.

Você, com certeza, já utilizou a técnica de sublinhar o texto que estava lendo. Essa técnica auxilia no estudo, na compreensão e na aprendizagem dos conteúdos tratados pois destaca a ideia fundamental contida no texto em estudo.

É necessário separar os fatores textuais menos essenciais, para não perder a unidade de pensamento. Por isso, sublinhar com traços verticais às margens, usar cores e marcas diversas para cada parte importante analisada contribui para uma boa leitura e fixação do tema. Mas, é preciso que você use o sublinhamento com moderação pois se marcar muito o texto, acabará esgotando sua função.

O desenvolvimento da técnica de sublinhar passa por algumas etapas e, por esse motivo, algumas noções básicas de sublinhar são essenciais, conforme veremos a seguir:

1. A primeira leitura serve para a compreensão do assunto e como forma de esclarecimento das dúvidas que surgiram na leitura; nesta fase é preferível não sublinhar. No entanto, se ideias importantes já foram encontradas, coloque à margem um sinal convencional.
2. Rer ler o texto e identificar a ideia principal, os detalhes importantes, os termos técnicos, as definições, as classificações, as provas.
3. Habituar-se a sublinhar depois de rer ler um ou dois parágrafos, a fim de saber exatamente o que destacar. Usar como ajuda, os sinais colocados à margem, para sublinhar com mais segurança.

4. Sublinhar as ideias centrais, utilizando, por exemplo, dois traços para as palavras-chaves e um para os detalhes mais importantes.
5. Nos tópicos mais importantes, deve-se assinalar, à margem do texto, com uma linha vertical. Ainda, se julgar viável, nos argumentos discutíveis você deve assinalar um ponto de interrogação, também à beira do texto.
6. Cada palavra não compreendida você deve identificar e consultar o dicionário e, se necessário, anotar o significado para melhor entendimento do texto.
7. Ler o que foi sublinhado, para verificar se há sentido e, assim, cada parágrafo deve ser reescrito a partir das palavras destacadas.
8. Por último, deve-se reconstruir o texto, em forma de esquema ou resumo, baseando-se nas palavras sublinhadas.

As noções básicas pontuadas sintetizam as sugestões de vários autores. O mais importante é você adotar a sua técnica, definir as suas marcações, estabelecendo um padrão de registro e segui-lo.

A necessidade de sublinhar consiste em conseguir compreender, ao reler o que foi sublinhado, a estrutura sintética e entender o significado do que se leu. Para isso, você deve ler o texto, fazer uma releitura e procurar as principais ideias, assinalar os detalhes importantes, os termos técnicos e as definições.

Em suma, **sublinhar** é uma técnica indispensável tanto para elaboração de esquemas e resumos quanto para destacar as ideias importantes de um texto.

Lembre-se: Você deve sublinhar apenas algumas palavras e frases que considere essenciais e não a oração toda. Por isso não é aconselhável sublinhar muitas palavras por parágrafo. E, para analisar se a técnica teve eficiência desejada, é recomendável que, no final de suas marcações, você faça uma leitura comparando o texto original com o que foi sublinhado.

Para concluir, a finalidade da técnica de sublinhar um texto é extrair as palavras-chave e ideias principais de uma unidade de leitura. Essa técnica facilita a elaboração de esquemas, fichamentos e resumos.

A Técnica de Esquematizar

Na seção 3, na parte referente à Análise textual, comentamos a utilidade do esquema em seus estudos e destacamos que a esquematização da unidade de leitura não é um resumo, mas torna-se uma fase de preparação para produzi-lo.

O *esquema* é um registro dos principais pontos levantados de um texto. Podemos afirmar que o esquema é a apresentação do texto, colocando em destaque os elementos de maior importância. Sua finalidade é difundir mais amplamente as informações facilitando para o leitor sua compreensão.

A utilidade do esquema como meio facilitador para a memorização e explicação do texto, fica mais evidente quando, ao fazê-lo, você adota o uso de linhas, setas, círculos, colchetes, entre outros símbolos diversos.

Na elaboração de esquemas, Salomon (2004, p. 105) reforça que algumas características devem ser ressaltadas e observadas, tais como

- **Fidelidade ao texto original:** deve manter as ideias do autor, sem modificação ou pontos de vistas pessoais;
- **Estrutura lógica do assunto:** partir sempre da ideia principal, depois para seus respectivos detalhes;
- **Adequação ao assunto estudado e funcionalidade:** o esquema deve ser flexível e adaptado ao tipo de matéria a ser estudada. Os assuntos mais complexos conduzem a um esquema mais complexo e com mais detalhes. Para os assuntos com menor complexidade, o esquema será, conseqüentemente, mais simples, apenas apresentando palavras-chave;
- **Utilidade de seu emprego:** como instrumento de estudo, o esquema deve ser útil, isto é, deve facilitar seu retorno ao texto a fim de ser revisado, sobretudo quando próximo da avaliação e também para a elaboração de trabalhos acadêmicos;
- **Cunho pessoal:** você pode desenvolver seu modelo de esquema, conforme suas características, hábitos, cultura, recursos e experiência pessoal. Cada pessoa tem seu próprio jeito de fazer esquemas. Logo, um esquema feito por alguma pessoa raramente irá servir a outra.

A finalidade do esquema é resumir textos muito grandes e densos para que o leitor o entenda, sem que tenha de fazer uma leitura completa do texto. É muito utilizado pelos estudantes em seus estudos e revisões para provas, pelos professores para organizar a matéria a ser dada e também como método para a realização de trabalhos técnicos, entre outros.

A Técnica de Resumir

O resumo é a apresentação sintética e seletiva das ideias de um texto. Nele são ressaltadas a progressão e a articulação das principais ideias do autor.

A finalidade do resumo é difundir as principais ideias do autor em estudo, estimulando a leitura do texto completo por apresentar de forma concisa, clara e objetiva.

No resumo não cabe incluir comentários ou julgamentos pessoais a respeito do que se resume. Resumir não é reproduzir partes ou frases do texto original lido. Logo, não deve aparecer no resumo transcrições de trechos do texto original.

Ao fazer um resumo, é importante não perder de vista três elementos:

- As partes essenciais do texto;
- A progressão em que os temas ou as unidades de significação se sucedem;
- A correlação entre cada uma dessas partes.

Enfim, para fazer um resumo, você utiliza as mesmas técnicas de sublinhar e elaborar esquemas.

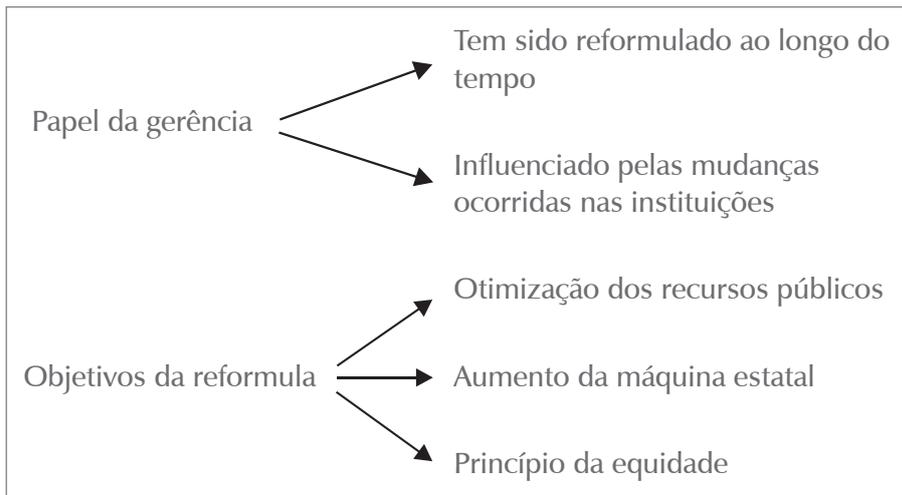
Como ilustração, apresentaremos, na sequência, uma unidade de leitura para que você reconheça a utilização das três técnicas. Leia e observe a unidade de leitura a seguir:

Em relação ao papel da gerência no setor público, Tohá e Solari (1997) afirmam que ele tem sido reformulado ao longo do tempo, tendo em vista as mudanças ocorridas nas instituições em diversos países na atualidade. Esta reformulação da gerência pública tem como objetivo a otimização dos recursos públicos, aumentando a eficiência da máquina estatal, sem o esquecimento do princípio da equidade, que também norteia as decisões nessas organizações. O setor público possui algumas especificidades, que devem ser observadas para que haja uma melhor distinção quando confrontado com o setor privado (PAIVA; COUTO, 2008, p. 1995).

Utilizando a técnica de sublinhar

Em relação ao papel da gerência no setor público, Tohá e Solari (1997) afirmam que ele tem sido reformulado ao longo do tempo, tendo em vista as mudanças ocorridas nas instituições em diversos países na atualidade. Esta reformulação da gerência pública tem como objetivo a otimização dos recursos públicos, aumentando a eficiência da máquina estatal, sem o esquecimento do princípio da equidade, que também norteia as decisões nessas organizações. O setor público possui algumas especificidades, que devem ser observadas para que haja uma melhor distinção quando confrontado com o setor privado (PAIVA; COUTO, 2008, p. 1995).

Utilizando uma das formas de esquematizar a unidade de leitura



Utilizando a técnica do resumo

O papel da gerência no setor público tem sido reformulado ao longo do tempo, em função de mudanças que ocorrem nas organizações. Os motivos ou objetivos dessa reformulação são:

- otimização dos recursos públicos;
- aumento da eficiência da máquina estatal; e
- o princípio da equidade.

Foram exemplificadas 3 técnicas. Para aprendê-las é preciso praticar. Portanto, a sugestão é que comece logo a utilizá-las. Uma maneira interessante seria iniciar com um texto que já esteja estudando como, por exemplo, esse capítulo.

Seção 5 - A Técnica da Documentação como Método de Estudo Pessoal

A documentação é mais um registro e uma técnica na arte de estudar e deve ser constante em sua vida acadêmica. É uma forma de registrar informações e/ou o conhecimento construído a partir da leitura dos textos.

O que é documentar?

É registrar, a partir de uma escolha pessoal, tudo o que você julgar importante e útil para seus estudos: as aulas, os livros, os artigos, as informações obtidas em eventos científicos.

Como documentar?

Uma sugestão é seguir a estrutura curricular do seu curso. Por exemplo, para cada disciplina, você pode abrir uma pasta geral ou principal, e dentro dela abrir pastas secundárias.

Outra forma de documentar é organizar um fichário por assunto ou tema e por nome dos autores.

Por que devemos documentar?

Salomon (2004) afirma que são três as principais razões para utilizarmos essa técnica: a instabilidade da memória; o volume de informações e o desenvolvimento dos meios de comunicação.

Essa técnica de documentação favorece a expressão escrita, já que o conduz a elaborar o pensamento do autor e reconstruí-lo. É um processo de desenvolvimento do leitor para tornar-se autor de sua reflexão.

A prática da documentação é tanto uma técnica de estudo como de pesquisa, pois é por meio dela que o estudante/pesquisador registra, num arquivo pessoal, suas ideias construídas a partir de suas leituras e armazena também as informações relevantes que foram selecionadas ou mesmo reflexões pessoais.

Para concluir, destacamos que nosso objetivo é ressaltar a importância da técnica de documentação como forma de estudo, tanto por criar condições para uma gradual e contínua assimilação dos conteúdos, quanto por contribuir na redução das dificuldades de aprendizagem encontradas pelos alunos que, cada dia mais, são confrontados com uma evolução global da cultura e da ciência.

Os métodos acadêmicos tradicionais, baseados na assimilação passiva, já não favorecem um resultado eficaz de aprendizagem. O estudante precisa entender que sua aprendizagem é uma tarefa eminentemente pessoal e se transformar num estudioso que encontra no ensino escolar não um ponto de chegada, mas um limiar a partir do qual constitui toda uma atividade de estudo e de pesquisa, que lhe proporciona acesso ao conhecimento e instrumentos de trabalho criativo e inovador em sua área.

Segundo Salomon (2004, pág. 107), a prática da documentação pessoal deve tornar-se uma constante na vida do estudante: “é preciso convencer-se de sua necessidade e utilidade, colocá-la como integrante do processo de estudo e criar um conjunto de técnicas para organizá-la.”

Como vimos anteriormente, a documentação de tudo o que você julgar importante e útil, em função dos seus estudos e do trabalho profissional que virá a exercer, deve ser feita da forma que considera mais viável.

Dicas para Tornar o Momento de Estudo mais Proveitoso

- Busque motivar-se;
- Elabore e persiga objetivos para os seus estudos;
- Crie condições favoráveis para aprendizagem atentando para o local de estudo, a organização dos materiais e tendo cuidado com a saúde;
- Torne-se um pesquisador, isto é, desenvolva o hábito de pesquisar informações desconhecidas;

- Organize o seu tempo de estudo (elabore um cronograma, como sugestão, incluímos no anexo um planejamento semanal a ser realizado e seguido com rotinas de horas de estudos diários).

Resumindo

Nesta Capítulo, você esteve envolvido com a compreensão de conceitos, importantes para a documentação e o registro de textos. Diferentes técnicas e estratégias de leitura e análise de textos foram apresentadas a você, ressaltando que a potencialidade de sua aprendizagem está diretamente relacionada à sua organização diária de estudo, para facilitar o entendimento e a visualização dos temas. O estudo e o aprendizado envolvem atividades de leitura, reflexão, discussão, elaboração e reelaboração. Essas atividades supõem práticas e técnicas de trabalhos acadêmicos, de natureza didático-científica, para que você desenvolva com maior agilidade e prazer, conquistando melhor desempenho e aproveitamento em seus estudos. Com esse fim, você conheceu e aplicou as etapas do método de leitura analítica que foi proposto por Severino (2007). Essas etapas foram designadas por análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese pessoal. Por fim, ressaltamos, neste Capítulo, que cabe a você desenvolver o espírito crítico e se posicionar frente à expressão escrita dos autores. Para isso é preciso ler muito, estudar, desenvolver as técnicas de sublinhar, de esquematizar, resumir, analisar e documentar o que você estudou. Existem diferentes técnicas de documentação. No entanto, você pode desenvolver a sua própria técnica, que é um importante exercício autoral, e torná-la um hábito constante nas suas atividades acadêmicas.

Agora vamos praticar...

ATIVIDADES

As Atividades de Estudo e Aprendizagem fazem parte do processo de aquisição e apropriação do conhecimento. Portanto, são importantes porque são ações que auxiliam, fortalecem e possibilitam acompanhar se a atividade de ensino, elaborada pelo professor, desencadeou a aprendizagem esperada.

Neste sentido, ao chegar ao final deste Capítulo, propomos verificar como está seu entendimento sobre os temas abordados. Para isso, resolva a atividade a seguir e, em caso de dúvida, confira na parte da Correção das Atividades de Estudo e Aprendizagem. Ainda persistindo suas dúvidas, consulte seu tutor.

Um pequeno exercício escrito é uma boa maneira de revisar os temas estudados. Na prática, você pode conferir se teve um bom entendimento do que foi tratado nesta Unidade, desenvolvendo a atividade proposta:

ATIVIDADE 1

Acesse o livro de Antonio Joaquim Severino intitulado Metodologia do Trabalho Científico. Ao examiná-lo, irá identificar todos os assuntos estudados nessa Unidade e muito mais. Este livro tornou-se referência entre alunos e professores universitários, sendo uma das obras mais conceituadas e consultadas sobre o tema por se tratar de uma iniciação teórica, metodológica e prática aos trabalhos acadêmicos. Você pode acessá-lo pelo link: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf>.

Após consultá-lo, elabore duas fichas, uma de documentação biográfica e outra de documentação bibliográfica.

Correção das Atividades de Estudo e Aprendizagem

Correção da Atividade 1

Essa é uma resposta possível que sugere a você a identificação dos pontos centrais que deveriam constar na elaboração das fichas solicitadas na atividade.

Ficha de documentação biográfica	Ficha de documentação bibliográfica
<p>SEVERINO Antonio Joaquim Severino 1941</p> <p>Professor titular, aposentado, de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP, ora atuando como docente colaborador. Licenciou-se em Filosofia na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em 1964. Na PUCSP, defendeu tese sobre o personalismo de Emmanuel Mounier, em 1972. Prestou concurso de Livre Docência em Filosofia da Educação, na USP, em 2000. Atualmente integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uninove, Universidade Nove de Julho, de São Paulo, onde lidera o Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação - GRUPEFE. Dentre suas publicações, destacam-se Metodologia do trabalho científico (Cortez, 1975); Educação, ideologia e contra-ideologia. (EPU, 1986); Métodos de estudo para o 2o</p>	<p>SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. rev. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.</p> <p>O livro tem como objetivo apresentar alguns subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem aos estudantes universitários.</p> <p>Para atender ao objetivo e, com um caráter instrumental, os assuntos estão distribuídos em sete capítulos que estruturam o livro.</p> <p>O primeiro capítulo contextualiza a Universidade, ciência e formação acadêmica.</p> <p>O segundo capítulo apresenta orientaçõese assim por diante.....</p> <p>O terceiro capítulo</p> <p>.....</p> <p>.....</p>

Grau (Cortez, 1987); A filosofia no Brasil (ANPOF, 1990); Filosofia (Cortez, 1992); Filosofia da Educação (FTD, 1995); A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação (Vozes, 1999), Educação, sujeito e história (Olho d'Água, 2002) e vários artigos sobre temas de filosofia da educação.

Fonte: Currículo do Sistema de Currículo Lattes. Disponível em: <[http://lattes.cnpq-br/4415326563786783](http://lattes.cnpq.br/4415326563786783)>. Acesso em: 27 dezembro 2020

Ao final, encontra-se o índice dos assuntos tratados no livro que orienta a sua consulta e uma futura leitura.

Observação:

Não se esqueça de que a ficha de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemática e elaborada, proporcionará a você ricas informações para seus estudos.

SAIBA MAIS

Informações adicionais

Curiosidades sobre o tema

A complexidade e importância do ato de ler foram descritas pelo educador pernambucano Paulo Freire no livro em que retratou, com estilo simples e profundidade adequada, as qualidades da leitura, para que a aprendizagem se realize e os conhecimentos sejam construídos. Estudar implica o ato de ler e, portanto, a leitura de mundo na concepção freiriana é fundamental na atualidade para compreender sua inserção na sociedade, reconhecendo seus conhecimentos sociais, políticos, éticos e culturais, mas também contrapondo a uma ideologização alienante. A leitura do livro intitulado “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” é uma sugestão para que você entenda a abordagem sobre o ato de ler, conheça as concepções freirianas e tenha uma formação crítica acerca da educação.

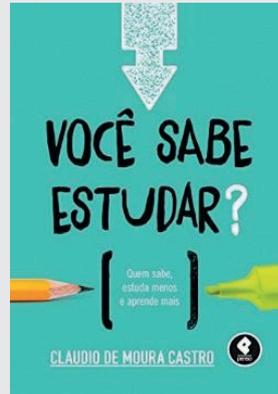
O livro completo pode ser acessado em:

<https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>

Leitura Complementar

Aprofunde seus estudos, consultando as leituras indicadas:

CASTRO, Claudio de Moura. *Você sabe estudar? Quem sabe, estuda menos e aprende mais*. Porto Alegre: Penso, 2015.



O autor apresenta alguns questionamentos como, por exemplo: você precisa aprender de forma mais eficaz? Não consegue administrar seu tempo de estudo? Essas e outras questões mobilizam os argumentos apresentados e as técnicas apresentadas para desenvolver bons hábitos de estudo e conquistar uma aprendizagem duradoura. O autor vasculha o funcionamento da mente humana para ensinar o leitor a usar a memória a seu

favor explicitando um método de estudo ativo e defendendo sua afirmativa de que estudar é coisa que se aprende. Com este livro, você aprenderá entre outros temas: i) Como obter melhores resultados em testes, provas e trabalhos, ii) Como entender melhor assuntos difíceis, iii) Como não esquecer o conteúdo estudado, iv) Como fazer anotações, resumos e mapas mentais, inclusive, v) Como administrar melhor o seu tempo de estudo.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23ª ed. rev. Atualizada. (7ª. reimp.). São Paulo: Cortez, 2007.



Este livro tem por objetivo apresentar aos estudantes universitários alguns subsídios para o enfrentamento das variadas tarefas que lhes são solicitadas. Dado o seu caráter instrumental, esse livro pode ser utilizado por etapas conforme os assuntos de seu interesse. O índice dos assuntos encontra-se no final do livro. Vale a pena consultá-lo, além do sumário, para melhor orientar sua consulta e futura leitura. Em sua nova edição, traz noções básicas do uso do computador

como ferramenta de elaboração de textos, de intercâmbio entre pesquisadores e de busca de referências, além de um capítulo sobre a contribuição da Internet à pesquisa.

CAPÍTULO II

ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DE UM TEXTO CIENTÍFICO

Profa. Iracema Campos Cusati

Assuntos Abordados Neste Capítulo

- Fichamentos
- Técnicas para elaboração de Resumo
- Resenha
- Ensaio
- Citação: conceito, tipos e regras
- Trabalhos científicos
- A estrutura de um artigo científico

Meta (Objetivos Específicos de Aprendizagem)

Ao finalizar este Capítulo, você deverá ser capaz de:

- Analisar as técnicas de estudo que você tem acesso para garantir sua busca ao conhecimento;
- Identificar os recursos técnicos necessários ao planejamento e ao desenvolvimento de trabalhos científicos;
- Descrever e comentar sobre as possibilidades de uso das técnicas de estudo apresentadas nesta unidade;
- Diferenciar fichamento, resumo e resenha;
- Identificar elementos que caracterizam fichamento, resumo e resenha;
- Indicar as estratégias de estudo que você considera adequadas à sua rotina acadêmica;
- Utilizar as principais características das técnicas de estudo para elaborar um ensaio;
- Dominar as técnicas de estudo que favoreçam a sua aprendizagem;

- Destacar a importância dos métodos e das técnicas de estudos na sua aprendizagem;
- Explicar, de forma prazerosa e alegre, os assuntos aprendidos com leveza e criatividade;
- Conhecer as características que devem ser atendidas numa produção científica;
- Distinguir os elementos que compõem a estrutura básica de um trabalho científico: introdução, desenvolvimento e conclusão;
- Criar conhecimentos associados às situações diversas que envolvem assuntos administrativos.

Construindo Aprendizagem

Caro estudante,

Neste segundo Capítulo, vamos conhecer um pouco mais sobre o universo acadêmico e suas especificidades. Os Métodos e as Técnicas de Estudo são fundamentais para que você possa ter uma aprendizagem consolidada dos conteúdos apresentados ao longo de sua formação acadêmica.

O conhecimento de métodos e técnicas de estudo é necessário para a seleção, utilização e interpretação de textos acadêmicos. Desenvolver habilidades específicas para estudar propiciará a você aprender mais, por encontrar melhor significação dos assuntos estudados e, assim, poder dominar ferramentas efetivas para utilizar durante a sua rotina escolar.

A criação e a recriação de conhecimentos estão associadas a um ambiente alegre que, por sua vez, é propício à aprendizagem e à criatividade. A alegria deve permear a sua rotina de estudo, pois está associada à leveza com a qual se aprende, que é resultante de um processo de encantamento por aquilo que se estuda, já que você visualiza um sentido e uma aplicabilidade (mesmo que não seja imediata).

Ao apropriar-se de recursos técnicos necessários ao planejamento e desenvolvimento de trabalhos científicos, você estará também consolidando informações necessárias para administrar com eficácia as organizações.

Já vimos no capítulo anterior que cada estudante tem seu modo de aprender e, portanto, desenvolver uma prática de estudo bem organizada, certamente, favorecerá seu conhecimento dos conteúdos das disciplinas que compõem o seu curso de Bacharelado.

Os métodos e as técnicas de estudo são variados e, muito provavelmente, te auxiliarão na aprendizagem de todo o conteúdo que será apresentado nessa disciplina.

Vamos conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre eles?

Então, mãos à obra!

Bom proveito!

Questões Mobilizadoras de Reflexão sobre o Assunto

Caro estudante, no capítulo anterior buscamos auxiliá-lo a resgatar os métodos de estudo que utilizava, mesmo que de forma intuitiva. Nossa intenção era a de que, ao recuperá-los, você os considerasse, rememorando as suas experiências sobre seu processo de aprendizagem.

Você considera que a forma como estudava auxiliou em sua aprendizagem? Ao conhecer as etapas que usualmente são empregadas na leitura e na análise de um texto, considera que ampliou suas possibilidades de estudo e aprendizagem?

Essas são algumas questões que permitirão a você fazer um levantamento do que revisou na unidade anterior.

Estamos iniciando o Capítulo 2. As seções que serão apresentadas nessa unidade o orientarão a desenvolver boas sistematizações das leituras, fornecendo condições de estudo para você expandir e melhor qualificar sua formação científica.

Os **métodos** podem ser caracterizados pela busca, pelo encaminhamento, pelo conjunto de regras básicas que produzem o conhecimento científico. Logo, o método é acompanhado das **técnicas**, que são suportes físicos, instrumentos que auxiliarão você a chegar num determinado resultado em aprendizagem, em descoberta e em investigação.

O conhecimento dos métodos o auxiliará na elaboração de seus trabalhos científicos. Vale lembrar que o termo método significa caminho, passos para se chegar a um objetivo.

As técnicas de estudo que serão apresentadas irão auxiliá-lo, orientadas por uma ação educativa, no desenvolvimento de suas competências acadêmicas e/ou profissionais com autonomia e responsabilidade perante a sua própria aprendizagem. Além disso, esperamos que essas técnicas e a prática de cada uma delas o acompanhem durante toda a trajetória escolar e em toda sua vida profissional, auxiliando em sínteses consistentes e melhores tomadas de decisão.

Bons estudos!

Seção 1 - Fichamentos

O **fichamento** é uma técnica de registro e armazenamento de informações que consiste em documentar as ideias de uma obra, por meio de fichas, para facilitar o acesso a diversos conteúdos sobre o assunto a ser pesquisado. É uma forma básica de apresentação da leitura que você fez de textos acadêmicos.

No primeiro capítulo falamos um pouco sobre fichamento e também vimos que ele não é a única forma de apresentação pois há também os resumos e as resenhas.

No fichamento, deve-se registrar a identificação completa da obra (Título, Autor, Editora, Ano de publicação, Local de publicação, Edição, Data de leitura), além de uma síntese (apresentação sucinta) com os principais conteúdos ou temas abordados no texto.

Nos manuais de metodologia e redação científica, frequentemente encontramos informações sobre fichar, resumir e resenhar documentos como sendo processos que fazem parte dos métodos de estudo de um pesquisador iniciante. É bem verdade que fazem parte dos métodos da maioria dos pesquisadores que lidam com fontes e registros de informação.

Fichamento, Resumo e Resenha são elementos do processo da documentação e da pesquisa que não devem ser considerados como estanques, isto é, como produções que existem isoladas em suas características, etapas e formas de desenvolvimento. Esses elementos não se excluem mutuamente, já que você pode fichar um documento e, na sequência, utilizar seu fichamento para elaborar um resumo ou uma resenha.

É importante ressaltar que esses são recursos essenciais a estudantes e pesquisadores além de serem parte das atividades acadêmicas em disciplinas e relatórios de pesquisa.

No caso de trabalhos acadêmicos, não há um modelo padrão de apresentação para fichamentos, resumos e/ou resenhas, quando o professor lhe requisita, seja como atividade avaliativa ou como etapa de uma investigação acadêmico-científica. Desse modo, quando um professor lhe solicitar que elabore um fichamento, um resumo ou uma resenha, mesmo que saiba fazê-lo, você deve levar em consideração o modelo definido por ele para sua apresentação. Essa orientação é relevante porque há concepções e formatos distintos de fichamentos, resumos e resenhas. A partir dessas observações, podemos dizer que o fichamento é um método de estudo e documentação pessoal, portanto, pode ser elaborado de várias maneiras.

O que não deve ocorrer em nenhum fichamento é você tentar fichar tudo sobre um assunto ou texto lido. Deve prevalecer o bom senso ao fazer o fichamento a fim de que você tenha uma fonte organizada para consultas posteriores embora tenha clareza de que, na maioria das vezes, não será utilizado todo o material que foi levantado e fichado.

O fichamento é uma parte importante na organização e efetivação da pesquisa de documentos, cuja função é organizar ideias referentes ao material consultado para a realização de estudo. Consiste na utilização do sistema de fichas para documentação de leituras que permite um fácil acesso aos dados fundamentais para a conclusão de um trabalho científico.

A importância do fichamento para a assimilação do conteúdo e a produção do conhecimento por acadêmicos e pesquisadores é dada pela necessidade de utilizar uma quantidade considerável de material bibliográfico e por ter nele informações coletadas bem organizadas e de fácil acesso.

O fichamento também pode ser aliado importante quando você for escrever um artigo científico. Diferentemente das resenhas e dos resumos, os fichamentos não são publicados.

Seção 2 - Técnicas para Elaboração de Resumo

O resumo consiste em uma síntese objetiva do conteúdo a ser apresentado.

Quanto ao **resumo**, sua função não é apenas como método pessoal de pesquisa pois, muitas vezes, serve à divulgação e, dessa maneira, segue parâmetros pré-estabelecidos como as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Num resumo não deve constar citações, comentários e menções a outras obras pois tem extensão limitada. Além das informações básicas, o resumo não deve apresentar conteúdo adicional. Nesse sentido, os resumos consistem em sínteses, claras e objetivas, de informações sobre o conteúdo a ser apresentado, constando o tema, a metodologia utilizada, as hipóteses levantadas e as conclusões. Em fichamentos e resenhas, esses itens não são obrigatórios.

Se você for fazer o resumo de uma obra estudada, de caráter científico, deve apresentar de forma concisa o assunto abordado, as principais ideias do texto, os objetivos, a metodologia utilizada e as conclusões esperadas.

Para reduzir as dificuldades de elaboração de resumos, Medeiros (2014, p. 127) recomenda que você “leia o texto do começo ao fim, sem interrupções.” Nessa fase inicial, você deve tentar responder à questão: de que trata o texto?

Numa segunda leitura, você deve procurar decodificar frases complexas e recorrer ao dicionário se encontrar palavras desconhecidas.

Na terceira fase da leitura, deve segmentar o texto, dividindo-o em blocos temáticos que tenham unidade de significação.

Na sequência, você deve redigir o resumo com as suas próprias palavras condensando os segmentos de temas e considerando os pontos principais apresentados e encadeados na progressão em que se sucedem no texto, estabelecendo relações entre eles.

Nos resumos, destacam-se os principais temas de um livro, filme ou documento, por exemplo, a fim de que o leitor julgue, antecipadamente, se o assunto é relevante ou não.

Para a produção de bons resumos, você precisa considerar dois conceitos que o auxiliarão na utilização e sistematização dos dados e das informações mais importantes contidas em um texto: coesão e coerência. São mecanismos fundamentais na construção textual, quer dizer, para que seu texto seja claro na transmissão da sua mensagem é essencial que ele faça sentido e seja compreendido pelo leitor.

A Coerência é a relação lógica das ideias de um texto que decorre da sua argumentação, resultante dos conhecimentos que adquiriu na leitura feita.

A coerência está relacionada à boa formação do texto para uma efetiva interlocução comunicativa entre usuários. Ela faz o texto ter sentido para os usuários, pois preza pelo princípio de compreensão do texto lido. A coerência é caracterizada como a possibilidade de se estabelecer, no texto escrito, alguma forma de unidade de sentido ou relação que apresente também continuidade de sentidos e que possa ser perceptível pela clareza do discurso, sua fluência e eficácia da leitura.

Além da coerência, nos estudos textuais há o conceito de coesão. A coesão é resultado da disposição e da correta utilização das palavras que propiciam a ligação entre frases, períodos e parágrafos de um texto. Ela colabora com sua organização textual e ocorre por meio de palavras chamadas de conectivos.

A coesão é, portanto, a ligação entre os elementos do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como as frases ou partes delas se combinam para culminar no desenvolvimento proposicional.

Coesão e coerência textuais são essenciais também nas resenhas para uma melhor escrita e para assegurar efetividade na compreensão textual.

Seção 3 - Resenha

A resenha engloba alguns elementos do fichamento e do resumo pois se caracteriza por um texto informativo e crítico que pode conter comentários e citações (diretas ou indiretas) e fazer referências a outros textos.

O método da leitura analítica, visto no capítulo 1, é a base da resenha.

As resenhas costumam apresentar e divulgar obras novas (livros, filmes e conteúdos semelhantes). São diferentes do resumo por possuírem em sua estrutura uma análise crítica, seja no último parágrafo ou no decorrer do texto. A elas, não é estipulado um número máximo de páginas embora devam respeitar alguns limites para não serem confundidas com um ensaio ou um artigo.

Possuem algumas características básicas, que você deve considerar:

- **Identificação da obra:** nome, autor, ano de publicação, resumo da carreira do autor/produtor.
- **Descrição do conteúdo e síntese dos aspectos mais relevantes** da obra.
- **Análise crítica** da obra, a partir do ponto de vista do resenhista, que passa a emitir uma opinião, quando forem resenhas críticas. Costuma destacar o valor social da obra, o contexto de produção, estética etc.

- **Exige conhecimento do assunto**, para estabelecer comparação com outras obras da mesma área.
- **Demanda maturidade intelectual** para fazer avaliação e emitir juízo de valor.

Podemos concluir que a **resenha** é um tipo de resumo crítico, porém mais abrangente, pois permite a emissão de comentários e opiniões, incluindo julgamentos de valor, comparações com outras obras da mesma área e avaliação da relevância da obra com relação às outras do mesmo gênero.

Finalizando, podemos sintetizar:

- **Fichamento** é uma técnica de estudo para registro de informações e também a primeira etapa na realização de uma pesquisa, já que sempre faremos fichamentos, independentemente do tipo de pesquisa.
- **O resumo** envolve um exercício de raciocínio, atividade necessária para o entendimento e a síntese de uma obra.
- **A resenha** é uma atividade de análise e de síntese, logo, mais complexa por exigir um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto tratado. Para adquirir desenvoltura na sua elaboração, é imprescindível familiarizar-se com a criação de fichamentos e resumos.

Observação: Para ler, você precisa ter propósito inicial determinado e fazer suas leituras em função dele. Ou seja, você precisa estabelecer seu propósito inicial que pode ser o de ler, para ter uma ideia do assunto ou para retirar a essência, aquilo que é mais importante do que se vai ler, por exemplo. O que não deve ocorrer é você ler sem propósito, por isso, como ponto de partida e compreensão, questione: - Por que estou lendo esse documento? e - Do que se trata esse documento?

Seção 4 - Ensaio

O trabalho científico pode ainda assumir a forma de **ensaio**, um texto para discutir determinado tema, de relevância teórica e científica, com base teórica em livros, revistas, artigos publicados, entre outros, caracterizado por apresentar uma exposição metódica dos estudos realizados e das conclusões feitas após apurado exame do assunto.

No meio acadêmico, esse tipo de trabalho é concebido como um estudo aprofundado, formal, discursivo e conclusivo, contendo uma exposição lógica, reflexiva, com argumentação rigorosa, interpretação consistente e julgamento pessoal.

No ensaio, o autor tem maior liberdade para defender determinada posição, sem que tenha de se apoiar em um rigoroso aparato de documentação empírica e bibliográfica. Embora não dispense o rigor lógico e a coerência de argumentação e, por isso mesmo, exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual, o ensaio é problematizador. De-

vem sobressair nele o espírito crítico do autor e a originalidade. Talvez por isso, muitos dos grandes pensadores preferem essa forma de trabalho para expor suas ideias científicas ou filosóficas.

Resumindo, o ensaio acadêmico consiste na exposição e defesa das ideias do autor ou autores sobre determinado tema, originalidade no enfoque, sem, contudo, ter a intenção de explorar o tema de forma exaustiva.

Logo na introdução de um ensaio acadêmico, deve ser apresentada a ideia a ser explorada e trabalhada, a linha de argumentação a ser adotada e esboçada a organização do restante do texto.

Os leitores de seu ensaio esperam ver claramente seus posicionamentos, em relação ao tema proposto, e a defesa do seu ponto de vista com argumentos e evidências sólidas. Para tal, é necessário que você realize previamente uma pesquisa bibliográfica criteriosa sobre o tema escolhido, sobre a área em que se insere o tema e sobre áreas correlatas. Possivelmente você também precisa coletar dados complementares. Não relate apenas aquilo em que você acredita ou o que aprendeu nas suas investigações, mas mostre evidências convincentes para fundamentar seus pontos de vista e convencer seus leitores.

A estrutura lógica adotada num ensaio está organizada no quadro abaixo e você irá perceber que é a estrutura típica de um texto científico.

Estrutura do Ensaio

TÍTULO

Autores

RESUMO

INTRODUÇÃO [Definição do tema]

Por que escolhi este tema

O que vou argumentar

Descrição da estrutura do ensaio

CORPO DO ENSAIO [Análise e desenvolvimento do tema escolhido]

Dê exemplos do texto que está estudando

Mencione bibliografia para justificar as suas ideias e conclusões, faça citações e comentários

CONCLUSÃO [Apresentação dos resultados da sua análise]

Quais as conclusões do seu trabalho?

Pode introduzir aqui um comentário pessoal em relação ao tema

Pode indicar áreas relacionadas com o seu tema que seria interessante estudar e pesquisar

BIBLIOGRAFIA [Indique por ordem alfabética os livros que usou no seu ensaio, de acordo com as normas de citação bibliográfica]

Se quiser aprofundar e ler um texto neste formato de ensaio, a sugestão é que você leia o **Ensaio teórico sobre as avaliações de políticas públicas** das autoras Lilian Ribeiro de Oliveira e Claudia Souza Passador que pode ser acessado pelo link a seguir: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512019000200324

As autoras defendem que a avaliação de políticas públicas se torna cada vez mais indispensável face à identificação da atual e crescente demanda por serviços públicos de maior qualidade, eficácia e eficiência. Destacam a avaliação como ferramenta crucial para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento da gestão de políticas públicas, principalmente as de caráter multidimensional. Constroem uma análise ampla e integrada sobre as avaliações de políticas públicas com base na literatura apresentada e concluem, apresentando os dados, que no Brasil, há o fortalecimento do estudo da avaliação para buscar as melhores práticas e teorias, contribuindo com a criação de uma “cultura” avaliativa capaz de abarcar a complexidade e as especificidades de cada política ou programa em questão.

Seção 5 - Citação: Conceito, Tipos Regras

Quando se elabora um texto acadêmico, é recomendável que seja indicada a fonte em que se extraiu ideias, conceitos, dados e informações. Essa prática é necessária para salientar que as ideias do texto foram elaboradas pelo autor. Portanto, o crédito é do autor da ideia. Desse modo, se você copiar ou fizer referência às ideias do autor, em algum trabalho acadêmico, você deve citar a fonte. Se a fonte não for citada, significa que você está reproduzindo a ideia de outra pessoa, ou seja, se apropriando indevidamente da ideia de outra pessoa. Essa ação pode ser considerada plágio e, para não incorrer nesse risco, sempre cite a fonte.

Mas, o que é citação?

A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) define **citação** como a “[...] menção de uma informação extraída de outra fonte” (ABNT, 2020, p.1), como livros, jornais, revistas, blogs, vídeos etc.

A **citação** é uma marca da interação textual, processo no qual um texto revela a existência de outras obras em seu interior, as quais lhe causam inspiração, sustentam uma hipótese, reforçam uma ideia ou ilustram um raciocínio. Oferece ao leitor respaldo para que possa comprovar a veracidade das informações fornecidas e também possibilita seu aprofundamento.

As citações estão em qualquer texto, pois as utilizamos sempre que queremos oferecer respaldo ao leitor para que possa comprovar a veracidade das informações fornecidas ou buscar aprofundá-las.

Citar a fonte é atribuir crédito à fonte consultada, é indicar, fazer constar no texto o nome do autor e a obra de onde foi extraída a ideia.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por meio da Norma Brasileira NBR 10520 de 2002⁵, instrumento do seu fazer acadêmico, orienta como fazer uma citação de informações de outras fontes. Em conformidade com a NBR 10520 de 2002, podemos afirmar que as citações são trechos transcritos ou informações retiradas das publicações consultadas para a realização do trabalho acadêmico. Ao serem introduzidas no texto, as citações esclarecem ou complementam as ideias do autor.

A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada, respeitando-se, desta maneira, os direitos autorais.

Também é importante ressaltar que todas as obras citadas em um trabalho, obrigatoriamente, devem constar nas referências (dados que identificam uma publicação citada, tais como autor, título, editora, ano etc.). Deve aparecer no final do trabalho sob o título de **Referências** e em ordem alfabética, pois, desse modo, o leitor poderá identificar a obra, facilitando sua localização em catálogos, índices bibliográficos, bibliotecas, entre outros.

Observe que nas citações, a autoria deve ser apresentada apenas com a inicial maiúscula quando estiver no corpo do texto, e deve ser explicitada com todas as letras maiúsculas (escrita em caixa alta), quando estiver entre parênteses.

São três as possibilidades de citação de informações de outras fontes, que frequentemente são utilizadas em textos acadêmicos. Isso pode ser feito em forma de citação direta, paráfrase ou citação indireta e citação de citação.

Citação direta: é a cópia literal de um parágrafo, ou uma frase, ou mesmo uma expressão extraída de uma fonte. É a cópia exatamente igual como está no documento ao qual foi extraído. A **citação direta** pode ser curta ou longa. Utiliza-se literalmente no texto a ideia, conceito ou informação, quando é impossível transcrevê-la com suas próprias palavras.

Observações importantes:

- **As citações de até três linhas** devem ser apresentadas no corpo do texto, assinaladas por aspas duplas e seguidas da identificação (sobrenome do autor, data, número da página).

Exemplos de como utilizar a citação curta:

⁵ Conheça mais da NBR 10520 de 2002, instrumento que apresenta as regras gerais para apresentação de textos acadêmicos, através do site <<http://www.bu.ufsc.br/design/Citacao1.htm>>.

Para Severino (2007, p. 68): “A documentação de tudo o que for julgado importante e útil em função dos estudos e do trabalho profissional deve ser feita em fichas”.

O autor sugere que “A documentação de tudo o que for julgado importante e útil em função dos estudos e do trabalho profissional deve ser feita em fichas” (SEVERINO, 2007, p. 68).

- **As citações com mais de três linhas** devem ser apresentadas isoladamente (a uma linha em branco do corpo do texto), em fonte Times New Roman ou Arial (considerar a opção já utilizada no texto) tamanho 10 ou 11, com espaçamento simples entre as linhas que devem estar justificadas com recuo de 4 cm a partir da margem esquerda, seguidas de identificação (sobrenome do autor, data, número da página). Não é necessário colocar aspas nas citações com mais de três linhas. Deve-se deixar um espaço antes e depois da citação, para os textos anteriores e posteriores. Sugere-se não utilizar mais de 10 linhas nas citações longas.

Veja no exemplo:

A atividade científica é, acima de tudo, o resultado de uma atitude do ser humano diante do mundo que o cerca, do qual ele mesmo é parte integrante, para entendê-lo, reconstruí-lo e, conseqüentemente, torná-lo inteligível. Por meio de novas descobertas, visa contribuir para o aperfeiçoamento e progresso da humanidade. (FACHIN, 2001, p. 123)

Citação indireta: é quando se diz com as suas palavras as ideias do autor ou dos autores. É quando você faz uma paráfrase das ideias do autor (ou autores) do texto. Neste caso, também deve ser citada a fonte.

- Denomina-se **Paráfrase** ou **Citação indireta** quando se faz uso da ideia de um autor ou mais autores transcrevendo-a com suas próprias palavras, mas mantendo-se a ideia original. Neste caso, não se utiliza aspas, mas se deve também citar o sobrenome do autor, ano e número da página, caso a paráfrase seja de uma página específica.

Este formato de citação, **também conhecido como paráfrase**, deve ser utilizado quando a ideia de quem escreveu pode ser incorporada ao texto a partir das **suas próprias palavras**.

Desta forma, **você irá traduzir**, ou explicar aquela ideia utilizando seus próprios termos.

Apenas tenha o cuidado de jamais alterar o que foi dito originalmente.

Igualmente a referência da fonte deve ser feita assim como em qualquer outro formato de citação.

Em alguns casos, o uso da paráfrase pode permitir a não inclusão do **número de página**, especialmente quando a ideia parafraseada pertence ao todo da obra consultada. Embora, no caso de uma ideia presente em uma parte específica e peculiar do texto, é preferível sempre que seja referenciado de forma completa.

A **Paráfrase** é um tipo de texto elaborado com base em outro já existente e conhecido pelos leitores, mantendo a ideia do texto original. Com essa informação, podemos dizer que a **paráfrase** é um tipo de intertextualidade⁶, uma vez que parafrasear significa interpretar um texto com palavras próprias, mantendo seu sentido original.

Citação de citação: é uma “Citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original” (ABNT, 2002, p.1). Ocorre quando se faz uma citação extraída de uma fonte da qual não se teve acesso direto. Porém, é importante frisar que o ideal é sempre consultar a obra original.

Observação importante:

- As citações das citações devem ser evitadas. As citações devem ser, de preferência, feitas através da fonte principal. Quando não é possível deve-se deixar a responsabilidade de sua exatidão ao autor de quem se toma, antepondo-a ao trecho citado a expressão “citado por” ou “apud”⁷ (preferível quando entre parênteses).

O “apud” pode acontecer por diversos motivos, os mais comuns são quando a obra original é muito difícil de ser encontrada ou na obra em que a referência foi consultada é de um autor e nela estava contida a citação de um outro autor.

Vale lembrar que na lista de referências bibliográficas, deve-se incluir apenas as obras consultadas por você, e não a obra citada pelo autor que você utilizou como fonte.

Expressões Latinas

Expressões em língua estrangeira devem ser digitadas em itálico.

As Expressões latinas comuns em trabalhos acadêmicos são:

⁶ A intertextualidade é entendida como a criação de um texto a partir de outro existente. Ocorre quando há uma referência explícita ou implícita de um texto em outro. Toda vez que uma obra fizer alusão a outra, ocorre a intertextualidade.

⁷A expressão *apud* significa citado por...

- a. **Apud.** – citador por, conforme, segundo. Usada no caso de citações de citação.
- b. **Ibidem ou ibid.** – na mesma obra. Indica que a obra citada é a mesma da citação imediatamente anterior.
- c. **Idem ou Id.** – mesmo autor. Indica que autor citado é o mesmo da citação imediatamente anterior.
- d. **Et. al. ou et. alli.** – e outros. Usada em citações ou paráfrases que possuem mais de um autor e queira citar só um deles.
- e. **Opus citatum, oper citato ou op. cit.** – obra citada. Indica a citação referente a obra do autor já citado na monografia, sem ser imediatamente anterior. Após o sobrenome do autor, coloca-se essa expressão, seguida das páginas. É comumente usada em notas de rodapé para evitar a longa repetição de dados, referindo-se à obra de mesmo autor, título, editora e ano de publicação, citada em nota não imediatamente anterior.
- f. **Passim** – aqui e ali, em diversas passagens. Indica referências genéricas e várias passagens no texto, sem identificação de páginas determinadas. Em vez de designar o número de páginas correspondentes, usa-se essa expressão.
- g. **Loco citato ou loc.cit.** – no lugar citado.

Notas de rodapé: devem ser apresentadas em sequência numérica na parte inferior da página em que foram inseridas, digitadas com entrelinhamento simples, justificado, em tamanho 10; entre as notas deve ser deixado o espaço de uma linha em branco.

Seção 6 - Trabalhos Científicos

A apresentação e a formatação de trabalhos científicos, de maneira geral, possuem uma lógica estrutural semelhante, diferenciando-se em relação à natureza e ao objetivo a que se propõem.

Todo trabalho de cunho científico segue, de forma geral, regras para sua elaboração. Para melhor normalização na elaboração e estruturação de trabalhos científicos, é sugerido que você considere a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A divulgação dos resultados da pesquisa é responsabilidade do pesquisador e exige habilidades diferentes das utilizadas nas etapas de planejamento e execução. A primeira atenção dispensada nessa etapa é em relação ao público a que se destinam os resultados da pesquisa. O pesquisador escreve não para ele, e sim para uma comunidade em geral ou para um grupo específico. Independente do público, da natureza e do

objetivo do trabalho científico, sua estrutura e organização apresentam aspectos comuns que estão presentes em todos os documentos e aspectos específicos para cada tipo de comunicação.

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2005), são trabalhos acadêmicos as teses, as dissertações e os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Veremos a seguir como a ABNT define cada um desses tipos de trabalhos.

- **Tese:** é o documento que apresenta o resultado de um trabalho de tema único e bem limitado. “Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa à obtenção do título de doutor ou similar” (ABNT, 2005, p. 3), portanto vinculado a um Programa de Doutorado.
- **Dissertação:** é o “documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações”. É feito sob a orientação de um orientador (doutor), visando à obtenção do título de mestre (ABNT, 2005, p. 2), portanto vinculado a um Programa de Mestrado.
- **Trabalho de conclusão de curso (TCC):** Documento que representa o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador.

Inserido na categoria de trabalhos acadêmicos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) por meio da NBR 14724 de 2005, o Trabalho de Conclusão de Curso é definido como:

Documento que representa o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados (ABNT, 2005, p. 3).

Luckesi et al. (1986) chamam a atenção, para as diferenças entre essas três categorias de trabalhos, alegando que a diferença não está no método, mas no alcance da pesquisa, em seus propósitos, abrangência, maturidade, originalidade e profundidade.

A seguir vamos ver como são apresentados os artigos científicos, forma de comunicação de pesquisa muito utilizada na universidade.

Seção 7 - A Estrutura de um Artigo Científico

Artigo científico é um texto com autoria declarada submetido a um periódico científico especializado com o objetivo de divulgar os dados de

uma pesquisa em andamento ou já concluída. Nele, o autor apresenta e discute ideias, métodos, processos, técnicas e resultados nas diversas áreas do conhecimento.

A construção de um artigo científico segue a trajetória de uma pesquisa científica. É necessário, portanto, planejar o que será investigado, executar aquilo que foi projetado e comunicar os resultados.

Geralmente, as revistas científicas, os comitês organizadores de Congressos, Seminários, orientam os autores como proceder na estruturação do trabalho a ser enviado para submeter à avaliação para possível aprovação e publicação.

Para Lakatos e Marconi (2003), os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica. Formam a seção principal em revistas ou periódicos especializados em que são publicados.

O artigo científico tem como objetivos ampliar conhecimento e divulgar os resultados de estudos e descobertas científicas, com abordagens que complementem o conteúdo de pesquisas já desenvolvidas. É, portanto, um documento que expressa os dados de uma pesquisa (em andamento ou já concluída). Deve ser apresentado segundo a Norma Brasileira NBR 6022 de 2003, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e as normas editoriais adotadas pela publicação periódica científica impressa, escolhida pelo autor.

Ao trabalho publicado nas revistas especializadas denomina-se artigo científico, por ser o meio pelo qual os cientistas se comunicam. Logo, ele deve ter informação nova, verdadeira e relevante. Nas revistas, e nos artigos nelas contidos, circulam resultados de pesquisas mais recentes, que estão nas fronteiras mais avançadas das respectivas áreas de conhecimento, com abordagem e metodologia atuais.

Publicação periódica científica impressa é, segundo a ABNT (2003, p. 2),

[...] um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário etc., editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração, em geral, de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida, e que é objeto de Número Internacional Normalizado (ISSN).

Segundo Medeiros (2014), os motivos para a elaboração de um artigo científico são a existência de aspectos de um assunto que ainda não foram estudados suficientemente ou foram superficialmente; necessidade de esclarecer uma questão antiga; inexistência de um livro sobre o assunto ou o aparecimento de um erro ocorrido na investigação desenvolvida.

Quanto ao conteúdo, deve ser apresentado de forma organizada, seguindo uma estruturação de estudos científicos: introdução, em que se apre-

senta o assunto; o objetivo e, se necessário, o método; desenvolvimento ou corpo, em que se expõe, explica e demonstra; e conclusão, em que se retomam os principais resultados (SALVADOR, 1986).

A ABNT reconhece dois tipos de artigos:

- **artigo original:** quando apresenta temas ou abordagens próprias. Geralmente relata resultados de pesquisa e é chamado em alguns periódicos de artigo científico.
- **artigo de revisão:** quando resume, analisa e discute informações já publicadas. Geralmente é resultado de pesquisa bibliográfica.

A estrutura recomendada para os artigos é composta pelos seguintes elementos:

Elementos Pré-Textuais

- **Título:** o artigo deve ter um título que expresse seu conteúdo.
- **Autoria:** o artigo deve indicar o(s) nome(s) do(s) autor(es) acompanhado de suas qualificações na área de conhecimento do artigo.
- **Resumo:** parágrafo que sintetiza os objetivos do autor ao escrever o texto, a metodologia e as conclusões alcançadas.
- **Palavras-chave:** termos escolhidos para indicar o conteúdo do artigo.

Elementos Textuais

- **Texto:** composto basicamente de três partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Se for dividido em Seções, deverá seguir o Sistema de Numeração Progressiva.
- A **Introdução** expõe o objetivo do autor, a finalidade do artigo e a metodologia usada na sua elaboração.
- O **Desenvolvimento** mostra os tópicos abordados para atingir o objetivo proposto, apresentando a análise e a discussão dos resultados.
- A **Conclusão** sintetiza os resultados obtidos e destaca a reflexão conclusiva do autor.
- Nas **Referências** consta a lista de documentos citados no artigo, de acordo com a ABNT.

Elementos Pós-Textuais

- **Apêndice:** documento que complementa o artigo.

- **Anexo:** documento que serve de ilustração, comprovação ou fundamentação.
- **Tradução do Resumo:** apresentação do resumo, precedido do título, em língua diferente daquela na qual foi escrito o artigo.
- **Nota Editorial:** currículo do autor, endereço para contato, agradecimentos e data de entrega dos originais.

Resumindo

Neste capítulo, você esteve envolvido com a compreensão das técnicas de estudo e pesquisa, orientadas didaticamente, para o desenvolvimento de suas competências acadêmicas e também profissionais.

Diferentes técnicas e estratégias de leitura, análise e documentação de textos foram apresentadas a você, destacando que a potencialidade de sua aprendizagem está diretamente relacionada à sua organização diária de estudo.

Acreditamos que nosso papel mais importante é criar possibilidades para que você possa, de forma autônoma, encontrar as fontes de conhecimento disponíveis na sociedade.

Para facilitar o entendimento dos métodos e das técnicas de estudo não bastaria apenas mostrar os caminhos, por isso optamos por orientá-lo para que desenvolva um olhar crítico e reconheça, em meio às mais variadas trilhas, aquelas que conduzem às verdadeiras fontes de conhecimento.

As fontes de informações são como labirintos, e você precisa ter um bom Fio de Ariadne para se orientar. Utilizamos a expressão “Fio de Ariadne” por ter o sentido de seguir, guiar, em consonância com a metodologia que se utiliza na pesquisa científica. Fazemos analogia à mitologia grega em que Ariadne, a bela princesa, ajuda o herói Teseu a se guiar ao percorrer um labirinto à procura do Minotauro, monstro devorador de gente. Ariadne utilizou um novelo de lã que tinha a ponta amarrada na entrada do labirinto. À medida que penetraram na emaranhada construção para enfrentar o monstro, Ariadne foi desenrolando o fio e, quando Minotauro foi vencido pelo herói, ambos conseguiram sair do labirinto enrolando o fio de volta. Essa lenda, como metáfora do pragmatismo da ciência – processo formal e sistemático de desenvolvimento -, é utilizada para mostrar que o Fio de Ariadne está relacionado a informações úteis e significantes que você deve selecionar em seus processos de estudos e pesquisas.

Por fim, ressaltamos que nossa intenção foi ensiná-lo a aprender e que cabe a você desenvolver o espírito crítico e se posicionar frente às diferentes técnicas de documentação e aos assuntos que foram abordados. Vamos prosseguir, apresentando algumas atividades que permitem praticar os assuntos estudados.

Agora vamos praticar...

ATIVIDADES

Chegamos ao final deste capítulo. Vamos verificar como está seu entendimento sobre os temas abordados? Resolva as atividades a seguir e, em caso de dúvida, não hesite em perguntar ao seu tutor.

ATIVIDADE 1

Pequeno exercício escrito: Redija um resumo de um livro de seu interesse. Essa prática de elaboração por escrito do resumo solicitado, é importante por ser expediente frequente no exercício autoral.

ATIVIDADE 2

Busque o site da Revista de Administração Pública (RAP) da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV). Clique no link: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512019000200324> e abra o texto de OLIVEIRA, Lilian Ribeiro de. e PASSADOR, Claudia Souza. Ensaio teórico sobre as avaliações de políticas públicas. Cadernos EBAPE.BR. vol.17, no.2, Rio de Janeiro. Apr./June, 2019.

Faça o download do artigo Ensaio teórico sobre as avaliações de políticas públicas.

Leia o artigo atentamente, pesquise palavras desconhecidas, exercite a técnica de sublinhar. Siga as orientações que estão nesse documento.

- a. Elabore um fichamento do artigo.
- b. Elabore a Ficha de Documentação Biográfica.
- c. Elabore também a Ficha de Documentação Bibliográfica.

ATIVIDADE 3

Qual a estrutura básica de um trabalho científico? Descreva, sucintamente, a função de cada elemento.

Correção das Atividades de Estudo e Aprendizagem

Feedback aos alunos:

Correção da Atividade 1

Para a elaboração do resumo solicitado, você deve ter feito a identificação dos pontos centrais que deveriam constar na confecção da atividade.

Correção da Atividade 2

Se você está desenvolvendo o hábito de registrar as informações à medida que vai estudando e for seguindo as orientações constantes nesse documento, não encontrará dificuldade para organizá-las e elaborar os fichamentos solicitados.

Correção da Atividade 3

Além dos itens apresentados neste Capítulo, é necessário que o artigo agregue valor à área de estudo, apresente uma aplicação ou ideias novas.

SAIBA MAIS

Informações adicionais

Curiosidades sobre o tema

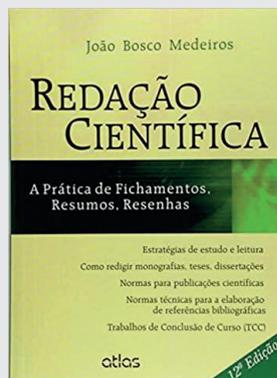
Uma alternativa para que o processo de aprendizagem seja mais atrativo e inovador tem sido proposto via o uso de Objetos de aprendizagem (learning objects ou educational objects) no contexto escolar. Esse recurso tecnológico designa quaisquer recursos instrucionais digitais que podem ser reutilizados para auxiliar a aprendizagem. Os objetos de aprendizagem como recursos educacionais digitais são inúmeros. Indicamos para sua consulta um referente às Definições e Diferenças entre Resumo, Resenha e Fichamento. Se você tiver interesse em visitar o site do Ministério da Educação no link abaixo, encontrará além dos conceitos básicos de Resumo, Resenha e Fichamento, atividades nas quais você vai praticar sobre os usos e tipos.

Esses objetos de aprendizagem podem ser acessados em:
<<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/bitstream/handle/mec/16228/?sequence=10>>

Leitura Complementar

Aprofunde seus estudos, consultando as leituras indicadas:

MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: a prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas*. 12^a. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2014.



Este livro trata dos pré-requisitos para a redação científica. Apresenta técnicas para tornar o estudo e a aprendizagem mais eficazes, orienta a pesquisa científica, detendo-se em suas etapas, esclarece as qualidades das fontes de pesquisa, bem como informa as estratégias de leitura que são essenciais para um estudante de curso superior seja na elaboração de fichamentos, resumos e resenhas. Todos esses temas são tratados neste livro, que objetiva levar ao conhecimento do leitor informações que vão favorecê-lo no estudo e tornar sua leitura mais significativa, indicando caminhos para a pesquisa e a redação de trabalhos com embasamento científico, elaborados segundo técnicas de pesquisa bibliográfica. O autor ensina a fazer fichamentos de textos; apresenta estratégias para o aprimoramento do estudo e da prática da leitura; mostra os procedimentos adequados para a realização de resumos e resenhas e discorre sobre a pesquisa bibliográfica, que constitui a base de todos os trabalhos científicos. Traz também capítulos sobre normas de elaboração de referências bibliográficas, bem como sobre o uso da Internet na pesquisa, redação de trabalhos de conclusão de curso (TCC) e apresentação gráfica da monografia.

Além do livro supracitado, há uma coleção referente a Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos que tem como objetivo suprir a falta de material didático para a produção dos gêneros textuais mais utilizados na escola básica e na universidade. Dois volumes dessa coleção são indicados para você, relacionados a Resumos e Resenhas, como sugerem as referências:

MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Elisane e ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Resumo*. 1^a. Ed. São Paulo: Parábola, 2004. (Coleção Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos, v. 1).

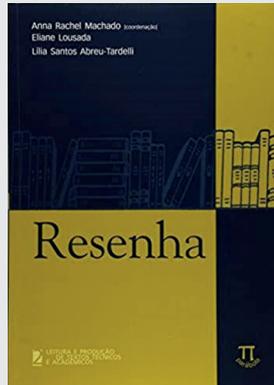


O primeiro volume composto de dez seções dedicadas às atividades didáticas do tema, destaca a relevância da leitura e da produção de Resumos, gênero muito utilizado tanto em escolas de ensino médio como em diferentes atividades acadêmicas e profissionais. Nas universidades, por exemplo, eles são constantemente pedidos aos alunos por professores das mais diversas disciplinas.

MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Elisane e ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Resenha*. 1ª. Ed. São Paulo: Parábola, 2004. (Coleção Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos, v. 2).

O segundo, intitulado *Resenha*, refere-se à leitura e produção de resenhas. Os autores afirmam que escolheram esses dois gêneros para iniciar a coleção, por serem eles muito utilizados em diferentes atividades acadêmicas e em diferentes atividades profissionais.

Portanto, essas sugestões são para que você complemente sua leitura, pois apresentam material fundamental para seu estudo e aprimoramento na escrita acadêmica.



CAPÍTULO III

CIÊNCIA E CONHECIMENTO

Profa. Iracema Campos Cusati

Assuntos Abordados Neste Capítulo

- A Universidade como universo de conhecimentos
- O paradigma moderno de Ciência e os graus de Conhecimento
- A universidade e o desenvolvimento da ciência no Brasil
- Desafios para a Ciência e a Universidade na Sociedade do Conhecimento

Meta (Objetivos Específicos de Aprendizagem)

Ao finalizar este Capítulo, você deverá ser capaz de:

- Apresentar um breve histórico do surgimento das Universidades;
- Refletir sobre a importância das instituições de educação superior como campo de produção de conhecimentos;
- Analisar a forma e as condições de estudo que você tem acesso para garantir sua busca de conhecimento;
- Identificar as características essenciais da sociedade medieval;
- Identificar as principais características da sociedade contemporânea;
- Comparar as características centrais da sociedade medieval e da sociedade contemporânea;
- Conceituar conhecimento;
- Explicar a natureza do conhecimento científico;
- Relacionar o uso intensivo do conhecimento com os desafios atuais da Sociedade do conhecimento e da informação;
- Interpretar situações-problema relacionadas à Administração Pública;
- Compreender a Administração como campo sistematizado de conhecimento, na área de Ciências Sociais Aplicadas;

- Refletir sobre os inúmeros conceitos que permeiam a administração pública contemporânea em busca de uma reavaliação perante as necessidades e as mudanças que a sociedade apresenta;
- Apresentar, sucintamente, a contribuição da sua formação universitária para a transformação e ascensão pessoal e profissional.

Construindo Aprendizagem

Caro estudante,

Neste terceiro Capítulo vamos dialogar sobre a importância das Universidades como produtoras de conhecimento, revendo a história do surgimento das primeiras universidades, a organização do conhecimento escolar, a natureza do conhecimento científico, a ciência moderna e a organização societal que lhe deu origem. Iniciaremos abordando os processos sociais, que culminaram na urbanização capitalista produzida no interior de uma dada sociedade em crise e demarcaram a construção da divisão social do trabalho, que se fez necessária para a produção capitalista e a ascensão da burguesia como classe dominante. A origem da universidade moderna, sua associação aos processos de desintegração da sociedade feudal e a emergência da sociedade capitalista, foram impulsionadas pelo desenvolvimento urbano, por meio do renascimento comercial, das cidades e da urbanização capitalista.

As políticas públicas para as Instituições de Educação Superior visam ao desenvolvimento delas mesmas, com o objetivo de acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade e de atender às suas demandas. A formação do professor do ensino superior e suas condições de trabalho contribuem para o contínuo processo de aperfeiçoamento da própria universidade, que poderá realizar e desenvolver um trabalho voltado à sociedade, através dos programas de ensino, de pesquisa e de extensão. Na atualidade, as medidas de acesso e permanência ao Ensino Superior estão fragilizadas, a autonomia didático-pedagógica das universidades tem sido posta em questão, e a produção técnico-científica vinculada às necessidades sociais sofrem o impacto orçamentário. Cabe questionar: Como manter as Instituições de Educação Superior públicas no Brasil se a cultura do investimento em pesquisas ainda é fragmentada e não está estabelecida em grande escala? Como elevar o nível dos conhecimentos do alunado dessas instituições sem investimentos adequados? Como desenvolver um ensino superior mais eficaz e produtor? Como conseguir uma sociedade mais preparada para a vida, para o trabalho, para lutar pelos seus direitos e mais cidadã? As questões são inúmeras, e as respostas sugerem que é primordial, para as instituições de educação superior no Brasil, se adequarem ao novo cenário que se apresenta por um desafio globalizado, originado pela pandemia da Covid-19 nas esferas sanitária, política, social, econômica e educacional.

Para finalizar, refletiremos sobre os Desafios para a Ciência e a Universidade na Sociedade do Conhecimento, ressaltando uma das características centrais da sociedade contemporânea, que é o uso intensivo do

conhecimento, a ponto de o qualificativo mais empregado ser o de sociedade do conhecimento e da informação. Ao se tornarem forças produtivas, o conhecimento e a informação se integram ao próprio capital, que começa a depender desses fatores para a sua acumulação e reprodução, confirmando que a ciência produz bens para a sociedade reeducando nosso olhar acerca da produção do conhecimento científico.

Estamos juntos nessa caminhada de descobertas e de crescimento por meio do conhecimento.

Bons estudos!

Questões Mobilizadoras de Reflexão sobre o Assunto

Caro estudante,

antes de iniciar a leitura deste capítulo, sugerimos que reflita um pouco sobre essas questões:

O que você entende por ciência? Como se faz ciência?

Sabemos que a ciência produz e desenvolve conhecimentos para a sociedade. Mas, como ocorre? Que procedimentos utiliza? O acesso da população às inúmeras pesquisas científicas é necessário ou desejável?

Como foi sua experiência em pesquisa ao longo de sua formação escolar? Para que serve a pesquisa em sua vida profissional? Será que o Brasil tem formado recursos humanos suficientes para competir em mercados avançados em ciência, tecnologia e inovação? Você acompanha as conquistas da ciência produzida no país? Você já pensou sobre essas questões?

Com certeza, os assuntos tratados nesta unidade já fazem parte do seu cotidiano, pois são veiculados diariamente pela mídia por meio de divulgação de resultados de descobertas científicas, isto é, de pesquisas.

Para avançar, nas quatro seções seguintes iremos estudar alguns elementos relacionados à ciência, ao conhecimento e, por conseguinte, à Administração pois, enquanto campo sistematizado do conhecimento, é uma área que se apropriou e se apropria de estudos, métodos e técnicas desenvolvidas em outros campos da ciência.

Seção 1 - A Universidade como Universo de Conhecimentos

“O presente não é só o contemporâneo. É também um efeito da herança, e a memória de tal herança nos é necessária para compreender e agir hoje.” Robert Castel (2001, p. 23)

A Idade Média Clássica, situada entre o século XI e o XIII, foi caracterizada por não haver a ideia de igualdade social perante a lei. Para a época, seria impensável. Assim, o surgimento da universidade nesse período

favoreceu a formação de um grupo com condições sociais privilegiadas, de destaque social, que teria distinção dentro do corpo social medieval e, nas palavras de Le Goff, cada membro desse grupo se sentia “como um artesão, como um homem de ofício” (LE GOFF, 2003, p. 87). É possível afirmar que, até os dias atuais, a universidade que forma licenciados, bacharéis, mestres e doutores ainda mantém esse status de formar corporação de ofício⁸.

Le Goff (2003) diz que é exatamente como um artesão, um homem de ofício, comparado a outros habitantes da cidade que o intelectual da Idade Média se sente. Essa observação do pesquisador nos mostra que o intelectual do período medieval do Ocidente nasceu com as novas dinâmicas sociais produzidas e percebidas nas cidades, a partir do processo político e econômico que significou o fim da Idade Média.

Devido à expansão das cidades, por meio das redes constituídas pelo comércio e o artesanato, é que o intelectual aparece como homem de ofício que se instala no lugar onde se acentua e se diversifica a divisão social do trabalho. Sua função é o estudo e o ensino das artes liberais, atividades racionais utilizadas nas produções de instrumentos materiais e intelectuais e, por isso, organizadas no seio do movimento corporativo. As origens das corporações universitárias se apresentam frequentemente tão obscuras como a dos outros corpos de ofícios, pois se organizaram lentamente, à custa de sucessivas conquistas que, muitas vezes, os estatutos não as sancionam, senão tardiamente.

Nesse período, o sistema produtivo era o feudalismo, pautado pela troca de produtos, pois não havia o desenvolvimento de um comércio intenso. Basicamente, a produção se dava para o autoconsumo, que atendia às necessidades de uma vida material mais simples se comparada aos dias de hoje.

Nesses jovens povoados, a pouca demanda e o pequeno comércio de produtos manufaturados, feitos com determinado rigor e técnica, eram atendidos pelas **corporações de ofício**. Essas corporações eram formadas por grupos de profissionais que começaram a se especializar na pro-

⁸Na era medieval, a produção era realizada pelos membros da família, para seu próprio consumo e não para a venda, pois praticamente inexistia mercado. No sistema de corporações, a produção ficava a cargo de mestres artesãos com poucos auxiliares (aprendizes, oficiais ou diaristas) para atender ao mercado pequeno no qual o trabalhador não vendia seu trabalho, mas o produto de sua atividade: era dono tanto da matéria-prima que usava quanto das ferramentas de trabalho. Formada por mestres em determinado ofício, praticavam corporativismo, criando barreiras à competitividade ao exercício da atividade pelos que não faziam parte dela, mas, ao mesmo tempo, se fortaleciam pela união. Em suma, as corporações de ofício eram grupos de profissionais que se especializavam na produção de determinados produtos.

dução de determinados produtos e se reuniam de forma a garantir vantagens conferindo segurança a um grupo de indivíduos de mesmo ofício, isto é, de mesma profissão. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 71), no **sistema de corporações**, a produção ficava “a cargo de mestres artesãos independentes, donos da matéria-prima e das ferramentas de trabalho, auxiliados por aprendizes, atendendo a um mercado pequeno e estável: não vendiam seu trabalho, mas o produto de sua atividade”.

Com o surgimento das cidades, logicamente começou a surgir um incipiente comércio. Leo Huberman, em seu livro intitulado *História da Riqueza do Homem*, destaca que, enquanto na sociedade feudal predominavam relação de dependência e falta de liberdade, “a atmosfera total da atividade comercial na cidade era a da liberdade” (1986, p. 27). A primeira condição para o surgimento da cidade foi a relação que o homem primitivo estabeleceu com o lugar. Como as estruturas sociais e as relações de poder, características do período feudal não condiziam com a cidade e, por consequência, com a prática comercial, para poderem sobrepujar as barreiras da velha ordem, os comerciantes se uniram em prol de garantir a liberdade para suas atividades.

Nas cidades onde se formaram, as universidades, pelo número e qualidade dos seus membros, manifestaram uma força que inquietava os outros poderes. É na luta, ora contra os poderes eclesiásticos, ora contra os poderes laicos, que elas conseguem conquistar a sua autonomia (Le GOFF, 2003, p. 73).

Em termos sociais, aos poucos foi se formando um grupo com uma prática cultural distinta, em diversos termos. O ensino era com base na utilização de autoridades, no uso exclusivo do latim e num procedimento pedagógico essencialmente oral e repetitivo. Também mantinham estatutos próprios, regras de cooperação mútua e organização autônoma de suas atividades.

Gradativamente, o campo do saber tornou-se um lócus de formação profissional e se destacou na sociedade a figura do intelectual no contexto universitário, um tipo social que imitaria e reproduziria progressos em direção à autonomia, à profissionalização e à promoção da cultura erudita.

Entretanto, embora tenham surgido em espacialidades distantes, as universidades medievais destacaram-se por favorecerem a migração constante de estudantes entre um território e outro. Nesse sentido, a formação da universidade medieval já apresenta uma característica que vemos hoje nas atuais e, dessa forma, sua formação pode ser caracterizada como dinâmica, em termos sociais.

Ademais, os processos sociais que culminaram na urbanização capitalista, a partir do século X, na Europa feudal e mais tarde no continente americano, temos de considerar a cidade como a expressão da produção social da época na qual se realiza e é analisada. Portanto, associamos produção, consumo, reprodução e acúmulo material e imaterial de uma

gada sociedade, num determinado território e durante um período de tempo, como elementos que diferenciam a cidade capitalista daquelas de modos de produções anteriores, como a medieval. Entretanto, dois fenômenos, em relação ao mundo universitário, que surgiram no contexto medieval, iriam continuar nos séculos seguintes: a migração de estudantes e a expansão das universidades.

Por volta dos anos 1500, em quase todas as regiões da Europa já havia uma Universidade. Como os currículos eram semelhantes, era muito comum estudantes migrarem de uma região para outra, por exemplo, saírem da Universidade de Coimbra, em Portugal, para estudar em Oxford, na Inglaterra, ou o estudante sair de Salamanca, na Espanha, para estudar em Toulouse, na França. Por conta das distâncias, mesmo entre regiões contíguas, como Espanha e França, os estudantes se deslocavam de uma para outra com a finalidade de ali permanecerem.

Com o passar do tempo, as cidades onde essas Universidades foram estabelecidas passaram a ser conhecidas como cidades universitárias, que se beneficiavam tanto com a mobilidade quanto com a migração de estudantes. A migração e a mobilidade eram estimuladas por dois fatores: as aulas nas universidades eram em latim, e os graus eram os mesmos em todas as universidades. Um estudante geralmente iniciava seus estudos em uma universidade perto de sua residência e poderia concluí-los em outra mais distante.

No fim da Idade Média, a Europa já contava com 60 universidades estruturadas nas denominadas cidades universitárias.

Com as grandes navegações, os hispânicos levaram para suas colônias o modelo de educação superior europeia. Entre os anos de 1511 a 1609, foram criadas nas colônias espanholas 16 universidades. Entre 1677 e 1791, muitas dessas universidades serviram de cenários para a criação de outras e extinção de outras tantas.

Nesse mesmo período, surgem as primeiras universidades fora da Europa, principalmente nas colônias da América do Norte e na América Latina. Em paralelo a esse movimento expansionista, surge um novo modelo de universidade, com uma estrutura administrativa diferente, concepção de ensino, tipologia e metodologias diferentes da desenvolvida no período medieval, mas adaptada à ideologia dominante dos grupos que deram origem a essas instituições.

Um dos fatores marcantes na vida dos estudantes migrantes é que, quando se tornam egressos das universidades estrangeiras, uma grande parte não retorna mais para os países de origem, sendo inseridos no mercado de trabalho do país de destino. O que não acontece com a grande maioria dos estudantes em mobilidade acadêmica internacional. Nos dias atuais,

mesmo com as iniciativas de internacionalização da universidade brasileira, que contempla alguns dos objetivos mencionados no artigo 15º. da Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação, entre eles, está o “compartilhamento de conhecimentos teóricos e práticos entre países e continentes”⁹.

A declaração é enfática ao conceber que as instituições de Educação Superior devem, dentre outras funções, assumir a iniciativa de internacionalização, e não somente reagir diante das demandas da globalização. São premissas adotadas a partir da década de 1980 no país visando articular teoria e prática como polos fundantes no ensino superior num contínuo processo de formação e educação do cidadão.

Assim, a ciência moderna e a organização societal que lhe deu origem emergem sob a desintegração e desqualificação dos modos de vida anteriores, o que por muito tempo justificou a preconceituosa alcunha ao período medieval de idade das trevas. Isso em contraposição ao que viria posteriormente, a idade das luzes, quando, ao final, estariam consolidados o pensamento e as instituições burguesas, entre as quais a universidade moderna.

Portanto, a universidade, da forma como a concebemos na atualidade, é originária da Europa Ocidental, e a Universidade de Bolonha, na Itália, fundada em 1088, é considerada o berço da universidade ocidental. Aproximadamente na mesma época, o movimento de criação de universidades se generalizou pela Europa, muito em função dos processos relacionados ao renascimento comercial e cultural, que começaram a ameaçar a ordem feudal e a constituir as bases da modernidade.

Por fim, podemos afirmar que a contemporaneidade e, sobretudo, os textos contemporâneos colocam novos desafios às teorias.

Vamos avançar essa reflexão na próxima seção.

Seção 2 - O Paradigma Moderno de Ciência e os Graus de Conhecimento

A ciência abrange praticamente todos os campos do conhecimento humano, relacionados com fatos ou acontecimentos identificados por princípios, ou seja, por regras.

9 Fonte: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educacao/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-XXI-visao-e-acao.html>. Sobre a demanda de diversificação na educação superior para a construção do futuro, diante do qual as novas gerações deverão estar preparadas com novas habilitações, conhecimentos e ideais bem como sobre a conscientização em relação a importância da universidade para o desenvolvimento sociocultural, intelectual e econômico de uma sociedade.

Na universidade, fazer ciência é importante para todos os envolvidos porque é por intermédio dela que se descobre e se inventa. Em outras palavras, a ciência é governada e se constitui pela aceitação por parte da comunidade científica, de um paradigma. O paradigma pode ser explicado como um resultado científico fundamental que inclui uma teoria e algumas aplicações típicas aos resultados das experiências e das observações. Enfim, podemos afirmar que o paradigma abrange a maneira acertada de resolver os problemas e ao mesmo tempo abrange o método, as normas e as generalizações compartilhadas pois determina o modelo para o trabalho dentro da ciência que governa.

O novo paradigma da ciência é aquele caracterizado pelo pensamento sistêmico - o paradigma ou a epistemologia¹⁰ sistêmica – que corresponde a uma mudança de paradigma da ciência porque, ao realizarem estudos e pesquisas, os cientistas viram os limites do paradigma considerado até então e foram levados a repensar seus pressupostos. Reconheceram que o jeito científico de pensar os estava levando aos limites e apontando a necessidade de um pensamento novo, um novo paradigma, que consideram sistêmico. Essa mudança ocorreu devido a uma revisão radical que os cientistas fizeram de seus pressupostos epistemológicos, que eram baseados na objetividade, e foram ultrapassados ao optarem pelo “caminho da objetividade entre parênteses”. Essa escolha acarretou implicações no viver, estar e agir no mundo, de acordo com essa nova visão de mundo, que é sistêmica.

É importante enfatizar que a novidade aqui não é o questionamento da objetividade, que há muito vem sendo alvo da filosofia, da psicologia, das ciências humanas, mas o seu questionamento advindo de cientistas comprometidos com o paradigma tradicional da ciência. Esses que, enquanto exercem atividades científicas, sentem-se no dever de manter-se comprometidos com a objetividade e de buscá-la a todo custo, mesmo que, fora dessas atividades, se permitam ser subjetivos e aceitar que outros também o sejam.

Um novo paradigma consiste numa redefinição do campo de investigação, ou seja, adotar um paradigma novo significa adotar teorias, leis, métodos e padrões científicos novos, pois se altera o arcabouço conceitual por apresentar estruturas distintas.

10 Epistemologia – Do grego epísteme que quer dizer “ciência” + “logia” que significa “estudo” = estudo da ciência, do conhecimento. (FERREIRA, 2004).

Para trabalhar cientificamente, os cientistas acreditavam que a realidade existe independentemente da subjetividade do observador que deve se esforçar para conhecê-la objetivamente, “tal como ela é”. Essa situação da ciência tradicional é agora ultrapassada, quando o cientista adota o “caminho explicativo da objetividade entre parênteses”, mas não apenas enquanto estiver sendo cientista ou profissional da ciência. Ele tem uma nova crença, um novo pressuposto epistemológico para seu viver, uma nova forma de ver e agir no mundo que estão baseados numa única convicção possível: a da inexistência da “realidade” e da “verdade”. O cientista avança de uma epistemologia filosófica para a ciência – para conhecer e atuar cientificamente – em direção a uma epistemologia científica para a vida – para estar e agir no mundo, inclusive para conhecer e atuar cientificamente compartilhando uma epistemologia fundada no desenvolvimento da própria ciência.

O termo ciência vem do latim *scientia*, que designa conhecer ou aprender. Então, para entender o significado da palavra ciência, precisamos elucidar que conhecer é estabelecer uma relação entre a pessoa (sujeito que conhece) e o objeto (fato ou fenômeno) que passa a ser conhecido. No processo de conhecimento, quem conhece acaba se apropriando do objeto que conheceu, isto é, quem conhece forma um conceito desse objeto que conheceu, reconstituindo-o em sua memória.

No entendimento de Gil (2007), ciência é conhecimento pois significa todo o saber criticamente fundamentado. A ciência é, portanto, a acumulação de conhecimentos sistematizados. Veja que uma definição simples pode abrir margem para dúvidas e definir o que é ciência se tornou um grande desafio, tanto que muitos cientistas consideram uma “discussão insolúvel” (GIL, 2007, p. 20).

Etimologicamente¹¹, e em sentido estrito, a palavra ciência refere a um sistema pelo qual se adquire conhecimento, baseado no método científico bem como no corpo organizado de conhecimento delimitado por meio de pesquisas. Em suma, a ciência é o esforço para descobrir e aumentar o conhecimento humano de como o Universo funciona.

Precisamos definir o que vem a ser conhecimento. Nos dicionários (FERREIRA, 2004; MICHAELIS, 1998) encontramos inúmeras definições: ato ou efeito de conhecer; ato de conhecer por meio da razão e/ou da experiência; cognição; faculdade de conhecer; processo pelo qual se adquire

11 Etimologia – origem de uma palavra. (FERREIRA, 2004).

um saber intelectual; processo pelo qual se estabelece a relação entre sujeito e objeto, partindo de impressões sensíveis. Assim, entendido o conhecimento, podemos dizer que há dois sentidos básicos: o conhecimento enquanto produto e o conhecimento enquanto processo ou ato de conhecer. Enquanto produto, o conhecimento é o conjunto das informações que a humanidade adquiriu e que está disponível em: bibliotecas, acervos, museus, tradições orais etc. via meios físicos e digitais. O conhecimento, enquanto ato de conhecer, interpretação do termo que a epistemologia se interessa, é uma relação que se estabelece entre um sujeito e um objeto.

Ao analisar a situação das ciências no seu conjunto na atualidade, precisamos olhar para o passado. O processo de produção do conhecimento está profundamente relacionado com a experiência individual e seu meio histórico, social e cultural.

As potencialidades dos conhecimentos acumulados, inclusive tecnológicos, nos leva a crer, no limiar de uma sociedade de comunicação e interativa do século XXI, que sob os limites do rigor científico, combinada com os perigos cada vez mais verossímeis da catástrofe ecológica ou da pandemia da Covid-19, nos fazem temer a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrono e descompassado em relação a tudo o que o habita. É essa ambiguidade que nos leva a perguntar sobre o papel de todo o conhecimento científico acumulado e sua contribuição em nossas vidas.

A ciência pode ser entendida como busca constante de explicações e soluções, de revisão e de verdades sobre os fenômenos naturais e sociais, por isso a permanente necessidade do conhecimento.

O conhecimento significa tanto o processo de conhecer como o produto desse processo. Mas, nem todo conhecimento é científico. Só é científico o conhecimento que for provado, isto é, verificado e demonstrado.

O conhecimento científico resulta da inter-relação que se estabelece entre o sujeito cognoscente (que tem capacidade de conhecer) com os fenômenos da realidade empírica. Assim, podemos dizer que o ato de conhecer se dá por meio das informações obtidas pelo sujeito, conforme as determinações afetivas, biológicas, cognitivas e sociais, na apreensão do objeto. O **conhecimento científico** é, portanto, o resultado da relação sujeito e objeto mediado pelo processo de pesquisa.

Gil (2007) afirma que existem diferentes tipos de conhecimento e modos de conhecer que não são considerados científicos.

Além do conhecimento científico, podemos citar outros três:

- O **conhecimento popular** (também chamado de empírico ou senso comum), ou seja, é um conhecimento produzido a partir da experiência (empírico), disseminado na população (popular), compreensível

vel por qualquer pessoa e aceito por todos (senso comum). Agindo muitas vezes pela intuição, nesse tipo de conhecimento o fenômeno é percebido pelo seu aspecto externo que, por inúmeras vezes, não coincide com a essência ou a coisa como realmente ela é. Geralmente é um conhecimento adquirido independentemente de estudos, de pesquisas ou de aplicações de métodos, pois é apropriado da vida cotidiana, fundamentado em experiências vivenciadas ou transmitidas de pessoas para pessoas.

- O **conhecimento religioso** (ou teológico), é produto de intelecto do ser humano que recai sobre a fé, provém das revelações do sobrenatural que provocam curiosidade, estimulam a vontade de entender o que se desconhece e são interpretadas como mensagem ou manifestação divina. Esse tipo de conhecimento se apoia em fundamentos sagrados estimulados pela vontade de entender o que se desconhece, mas que não pode ser verificado. O conhecimento religioso busca, dessa forma, encontrar explicações para tudo o que envolve o ser humano, estudando questões referentes ao conhecimento das divindades, de seus atributos e relações com o mundo e com os homens.
- O **conhecimento filosófico** é aquele que procura conhecer as causas reais dos fenômenos, as causas profundas e remotas, a origem de todas as coisas e, para elas, as respostas. Este tipo de conhecimento tem dupla finalidade: os juízos de realidade – problema teórico do conhecimento – e os juízos de valor – problema prático da ação. Por fim, cabe dizer que o conhecimento filosófico estuda as leis mais gerais do ser (universo, vida, homem, sociedade) e do pensamento, ou seja, do conhecimento e da ação (o que é Lei, o que é Justiça, o que é Verdade, o que é Liberdade, o que é Belo, o que é Moral, o que é Ética são os principais questionamentos dos filósofos). Para a Filosofia, ciência das primeiras causas e dos primeiros princípios, a atividade do pensamento é um campo de conhecimento que estuda a existência humana e questões do mundo real via reflexão crítica.

Segundo Japiassu (1979, p. 177), “a ciência constitui-se negando os saberes pré-científicos ou ideológicos, mas permanece aberta como sistema, porque é falível e, por conseguinte, capaz de progredir”.

Com a consagração da ciência moderna, naturalizou a explicação do real, a ponto de não podermos concebê-lo senão nos termos por ela propostos. A ciência hoje é entendida como uma busca constante de explicações, ou seja, representa um processo em construção, que se renova por meio de novas descobertas, via métodos e técnicas para se obter conhecimentos.

Você já percebeu que os modos de conhecer são variados. Há autores que indicam os conhecimentos artístico, sensorial e intelectual como relevantes para o sujeito se apropriar de certo modo da realidade e, ao mesmo tempo, nela penetrar. O conhecimento apresenta-se como uma transferência das propriedades do objeto para o sujeito. (Ruiz, 2006).

Além dos tipos de conhecimento que vimos anteriormente, Bresciani Filho (1999), ao fazer sua análise da auto-organização, focalizou a relação entre as dimensões epistemológica e ontológica do conhecimento.

A dimensão epistemológica abrange o conhecimento tácito (implícito e expresso nas várias atividades humanas) e explícito.

O conhecimento tácito é transmitido por linguagem pessoal pouco formalizada e sistematizada, por exemplo, tocar um instrumento musical. O conhecimento explícito, ao contrário, é transmitido por uma linguagem formal e sistematizada, passível de arquivamento em bibliotecas e bancos de dados, como tocar um instrumento musical fazendo leitura de uma partitura.

A dimensão ontológica do conhecimento se refere ao compartilhamento e desenvolvimento do conhecimento como ação pessoal em um grupo social ou em uma organização, ou seja, o conhecimento criado pelos indivíduos é transformado em nível de grupo ou em nível organizacional, independentes entre si, mas que interagem mútua e continuamente.

Ao questionar a possibilidade do conhecimento objetivo do mundo (epistemologia), nos remetemos ao reconhecimento de que constituímos o mundo ao distingui-lo (ontologia).

Por fim, os conhecimentos adquiridos em processos tanto de entendimento e compreensão da realidade (dimensão ontológica) como de análise, tomada de decisão e ação (dimensão epistemológica) criam a perspectiva de geração de um conhecimento novo, pois as nossas trajetórias de vida pessoal e coletiva (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam representam a concretude do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações seriam insignificantes.

Seção 3 - A Universidade e o Desenvolvimento da Ciência no Brasil

O processo de produção de conhecimentos na universidade é complexo e resultante da experiência individual em contexto histórico e sociocultural.

Há fatores determinantes, de base epistemológica, e outros, condicionantes, na produção do conhecimento. O progresso científico depende muito das estratégias de investigação adotadas. Há uma dimensão do processo de produção do conhecimento que exige uma agenda integrativa, ou seja, como foi dito antes, uma dimensão sistêmica.

A pesquisa científica passa a desempenhar papel fundamental, nas pós-graduações nas universidades por tornar acessível aos estudantes os contínuos avanços do saber. Podemos dizer que os pesquisadores são os “decodificadores” do conhecimento novo pois a eles cabe conhecer criticamente o detalhe (de seus objetos de estudo) para integrá-lo ao conhecimento já estabelecido nas respectivas áreas do conhecimento, de modo a atingir uma dimensão sistêmica.

O cenário atual da Era do Conhecimento expõe o desequilíbrio resultante da concentração de oportunidades, que tem profundas implicações socioeconômicas no nosso país e que busca uma inserção competitiva no comércio global. Essa capacidade competitiva depende de tecnologia inovadora, a fim de criar novos produtos e processos, de instituições públicas eficientes e de estabilidade macroeconômica. Para isso, as universidades precisam ser excelentes, os laboratórios de institutos públicos de pesquisa devem ser bem qualificados, seguindo padrões internacionais, e os setores produtivos capitaneados pelo governo federal precisam investir pesadamente em pesquisa e desenvolvimento. Essas são constatações prementes, para todos os que fazem pesquisa científica e têm, ou acreditam ter algo a dizer na concepção de uma política científica.

A inserção competitiva do Brasil no mundo é desejável, demandando que as nossas universidades públicas também o sejam, como produtoras de conhecimento, seguras em termos de sua autoavaliação de qualidade e conectadas ao contexto econômico e social vigente.

Busca-se uma nova identidade para as universidades públicas brasileiras, de engajamento com seu contexto social, de incorporação do progresso tecnológico e de equilíbrio em conhecimento, de modo a não comprometer o desenvolvimento científico e industrial pela carência de inovações. Enfim, uma cultura empreendedora pragmática e apta para qualificar recursos humanos.

A pesquisa básica sempre foi e será a contribuição própria das universidades. No entanto, a criação e inovação em processo ou produto valorizado no âmbito de mercado constituem agendas globais que devem ser assumidas localmente, como princípio estruturador e organizador da universidade para acumular massa crítica de pesquisadores criativos e inovadores. Esse é o capital intelectual fundamental que, sem ele, a universidade se transforma em uma organização burocrática de funcionários públicos, vinculados a uma rotina estéril e sem valores institucionais.

Precisamos esclarecer o que é “pesquisa básica” e “pesquisa aplicada”. Esses conceitos foram abordados inicialmente por Aristóteles (384-322 a.C.). Para ele, a pesquisa básica baseia-se na aquisição de novos conhecimentos e no desenvolvimento de teorias de conceitos e princípios das leis da natureza e do cosmo. Já a pesquisa aplicada é voltada para o uso de conhecimentos vindos da pesquisa básica para a aquisição de novos conhecimentos e resolução de problemas, ou seja, é o conhecimento da técnica, visando a um fim específico e prático. Essa divisão, no entanto, é apenas uma questão de sistematização, uma forma didática de explicar os dois conceitos, mas não remete a uma independência entre elas por serem complementares e por dependerem uma da outra. É importante destacar que, mesmo que a pesquisa básica pareça não ter nenhuma perspectiva de utilidade a curto e médio prazo, ela não deve ser considerada dispensável, pois, com a expansão do conhecimento, ela pode sustentar o desenvolvimento de aplicações que não estavam inicialmente previstas.

Um bom exemplo são os conhecimentos teóricos desenvolvidos por Albert Einstein (1879-1955) - um dos pais da ciência moderna além de um entusiasta dos direitos humanos - sobre emissão estimulada que, anos mais tarde, contribuíram para o desenvolvimento de lasers, atualmente utilizados na medicina, metalurgia, telecomunicações etc.

Evidentemente, há características políticas, sociais e econômicas do ambiente de atuação da universidade que podem ser estimuladoras ou inibidoras do processo de produção do conhecimento. O desenvolvimento científico e tecnológico deve integrar um programa estratégico e políticas do governo federal para as universidades, a fim de legitimá-las e apoiá-las sem controles ou entraves burocráticos e corporativos.

O exemplo de Albert Einstein, citado acima, foi utilizado para lembrar que, muitas vezes, criamos uma imagem de um cientista como alguém de idade avançada, que veste um jaleco branco e porta óculos, que trabalha sozinho em um laboratório e que realiza experimentos perigosos. Mas, a bem da verdade, o cientista não segue um estereótipo, e qualquer pessoa pode ser cientista. Já pensou nisso? Já pensou em quem produz o conhecimento científico no Brasil? Onde ele é produzido?

A pesquisa no Brasil é realizada em universidades públicas e privadas, institutos de pesquisa ou, ainda, em instituições particulares, como empresas que possuem seu próprio departamento de Pesquisa e Desenvolvimento. A grande maioria dos pesquisadores, no entanto, está nas universidades públicas que também apresentam uma maior quantidade de publicações científicas.

Uma pesquisa realizada pela empresa Clarivate Analytics traçou o cenário da produção científica nacional entre 2013 e 2018, apontando que quinze universidades, todas de administração pública, produzem mais da metade da ciência brasileira. Esse relatório apresenta as três universidades estaduais paulistas (USP, Unesp e Unicamp), que encabeçam a lista, com mais de 100 mil trabalhos científicos publicados no período de seis anos contemplados pelo estudo. As outras 12 instituições são: 11 universidades federais e uma estadual, do Rio de Janeiro. Juntas, essas 15 universidades são responsáveis por mais de 60% do conhecimento científico produzido no País, segundo o relatório. O levantamento foi feito a pedido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)¹², do Ministério da Educação (MEC). A íntegra desse relatório, intitulado **Research in Brazil: Funding Excellence**, pode ser acessada pelo link: https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2019/09/ClarivateReport_2013-2018.pdf

12 A Capes foi criada em 1951.

Seção 4 - Desafios para a Ciência e a Universidade na Sociedade do Conhecimento

No Brasil, o desenvolvimento científico e tecnológico, encabeçado por professores e alunos de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, vinculados aos programas de Mestrado ou Doutorado, têm, nas universidades públicas, em esfera federal, seu principal locus de produção de conhecimento.

As Instituições de Educação Superior têm caráter vital não somente na formação de recursos humanos, mas também na geração de conhecimentos técnico-científicos, para o desenvolvimento socioeconômico no contexto dos Sistemas de Inovação. São agentes basilares e auxiliam o processo de criação e disseminação, tanto de novos conhecimentos, quanto de novas tecnologias, através de pesquisa básica, pesquisa aplicada e desenvolvimento.

O financiamento para a pesquisa no Brasil vem basicamente de órgãos governamentais de fomento em nível federal, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). No nível estadual, quase todos os estados fundaram suas próprias Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs), seguindo a pioneira Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), criada em 1962. Além disso, também são observados financiamentos indiretos através dos orçamentos das próprias universidades, que criam agências próprias de pesquisa e investimento de empresas públicas ou privadas, por meio de algum benefício fiscal.

O fato é que mais da metade dos financiamentos para a pesquisa vem das fontes governamentais. As duas agências federais de fomento à pesquisa, CAPES e CNPq, financiam a pesquisa dos pós-graduandos por meio de auxílios aos projetos de pesquisa e bolsas de pós-graduação.

Outro aspecto a ser destacado é que a universidade vem correndo o sério risco de se tornar uma instituição técnica determinada pelas leis de mercado, tornando-se uma mera agência de serviços. Por isso, a ciência e o crescimento econômico são elementos de um sistema integrado de retroalimentação, ou seja, há uma relação mútua, a produção de ciência atua gerando crescimento econômico, enquanto o próprio crescimento econômico também favorece aumento de capital, de trabalho e de produção tecnológica desencadeando a necessidade de gestão dos recursos e na formação de profissionais especializados (acadêmicos e técnicos).

Os governos investem em ciência e tecnologia utilizando parte da arrecadação de impostos e transformam diretamente esse fundo em chamadas de financiamento à pesquisa.

A promoção econômica do setor científico pode ainda atrair o investimento de capital privado, e esse sistema resulta na geração de empregos, produção tecnológica e, conseqüente aumento da qualidade de vida da população.

Todo conhecimento é uma construção orientada por interesses pessoais e humanos. O conhecimento construído não pode ser fechado porque nós, seres humanos, estamos sempre em desenvolvimento. Os resultados desse processo de construção do conhecimento, portanto, podem ser orientações, manuais, guias e não produtos acabados.

Como vimos nas seções anteriores, a universidade ocidental é fruto do processo de urbanização retomado a partir do século X e, mais precisamente, no século XI na Europa Ocidental. Trata-se de fenômeno intrinsecamente associado à crise da sociedade feudal e às condições de superação da crise a partir da própria sociedade, então em crise.

Nesse percurso diversificado e rico de experiências destaca-se, com uma constância significativa, o esforço histórico das universidades de buscar consolidar a sua autonomia. De um modo geral, a autonomia das universidades se enfraquece à medida que aumenta sua dependência direta dos recursos do Estado e a conseqüente ingerência deste nas rotinas próprias da vida acadêmica. A questão da autonomia de gestão financeira das universidades vai, pois, se configurando ao longo da história como um dos principais objetivos a serem conquistados pela sua comunidade, sobretudo a partir do momento em que o modelo do ensino superior público e gratuito vai se consolidando como a forma mais eficiente e eficaz de realização dos fins principais da atividade universitária: o ensino, a pesquisa, a extensão e a prestação de serviços.

Resumindo

Neste Capítulo, você esteve envolvido com a compreensão de conceitos relevantes. Exploramos a relação entre conhecimento, ciência, administração, sociedade do conhecimento e da informação com o objetivo de mostrar que a Administração, enquanto campo sistematizado do conhecimento, se apropriou e, ainda, se apropria de estudos, métodos e técnicas desenvolvidas em outros campos da ciência.

Com o intuito de mostrar a importância de aproximar pesquisadores e o público não especializado, traduzindo e transmitindo as conquistas da ciência produzida no país, para a população em geral, em uma linguagem acessível e inteligível, nosso objetivo nessa reflexão proposta foi dar visibilidade aos benefícios das descobertas científicas, incorporando conhecimento dos cidadãos aos cidadãos.

Vimos que, desde suas origens, o papel da instituição de educação superior tem sido o de produzir e socializar conhecimentos. Nesse sentido, a importância do período medieval é destacada com base no surgimento de novos grupos sociais, dentre os quais o universitário, formado tanto por professores quanto por alunos, os quais, cada vez mais, seriam vinculados como pertencentes a uma cultura identificada como erudita.

Enfatizamos que a dimensão epistemológica do conhecimento abrange o conhecimento tácito, aquele que está profundamente enraizado e se refere a experiências, e o conhecimento explícito, que pode ser facilmente

processado por ser o conhecimento formal. Afirmamos que o segredo das organizações está em conseguir transformar conhecimento tácito em explícito, ou seja, formalizar e disponibilizar aquele conhecimento que está na mente de alguém.

Concluímos que, pelo menos, sete séculos de existência contemplam a universidade. Sua história, suas transformações, suas características ao longo do tempo têm sido, com persistência cada vez maior, objeto de estudos e análises que têm contribuído para a compreensão do papel social que ela tem desempenhado desde as suas origens até a nossa época.

Sintetizamos que Pesquisa constitui num conjunto de ações, propostas com a finalidade de encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos.

Por fim, ressaltamos, neste Capítulo, que cabe a você desenvolver o espírito crítico e se posicionar frente à construção do conhecimento científico em Administração, conhecendo os critérios de cientificidade exigidos na comunidade acadêmica.

Chegamos ao final deste capítulo. Para consolidar os assuntos tratados e oferecer elementos para sua reflexão sobre conhecimento, Ciência e os desafios enfrentados pelos universitários no Brasil, gostaríamos que desenvolvesse as atividades propostas a seguir.

Agora vamos praticar...

ATIVIDADES

Resolva as atividades e, se tiver dúvida, confira na parte da Correção das Atividades de Estudo e Aprendizagem. Ainda persistindo suas dúvidas, consulte seu tutor.

ATIVIDADE 1

No Brasil, em agosto de 2019, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) enviou uma nota ao Ministério da Educação (MEC) sobre uma possível suspensão das bolsas de pós-graduação a partir desses referidos mês e ano. Essa medida seria uma consequência da redução orçamentária prevista para o próximo ano, resultado da política de limitar a despesa pública instituída pela Lei do Teto de Gastos. Essa medida afetaria cerca de 93 mil alunos de pós-graduação. A notícia abalou o país, muitos encararam o anúncio como o “fim prenunciado da ciência no Brasil”.

Após alguns dias, a comoção levou o Ministro da Educação a se pronunciar, garantindo que as bolsas seriam mantidas. Apesar disso, há constante informação de cortes previstos para o orçamento do MEC, que deve ser passado proporcionalmente à CAPES, gerando preocupação e muitas incertezas, principalmente em relação ao desenvolvimento de pesquisas em ciência básica e na internacionalização de pesquisadores. Para entender como a falta de investimento do governo na pós-graduação pode afetar não só a produção científica, mas todo o desenvolvimento do país, precisamos entender como a ciência é feita no Brasil.

Nesse sentido, seria interessante você pesquisar sobre:

- a. Quanto o Brasil investe em ciência e quais as consequências disso? (Faça um resumo de até 15 linhas referentes às informações que encontrar)

- b. O que podemos fazer para contribuir com a ciência em nosso país?

ATIVIDADE 2

Ao final desta disciplina, seria interessante que você pudesse escrever, num parágrafo, qual o seu perfil como estudante diante do que foi colocado sobre métodos e técnicas de estudo, pesquisa, ciência e educação.

Correção das Atividades de Estudo e Aprendizagem

Feedback aos alunos com identificação dos pontos centrais que deveriam constar na elaboração da atividade:

Correção da Atividade 1

A título de sugestão são apresentadas algumas informações que devem constar nas respostas que elaborou.

- a. Quanto o Brasil investe em ciência e quais as consequências disso?

Segundo dados da UNESCO, os três países que mais investem em desenvolvimento de pesquisa (em relação a porcentagem do seu PIB) são: Coreia do Sul (4,3%), Israel (4,2%), Japão (3,4%). O Brasil é o 28º neste ranking com apenas 1,3%. Esses valores levam em consideração o investimento tanto do setor público quanto do setor privado. Destaca-se que esses dados compilados pela UNESCO são atualizados para vários países, no entanto os valores do Brasil são de 2014, ano que houve o ápice de investimento em pesquisa e desenvolvimento. A estimativa é que a posição no ranking caia ainda mais, uma vez que em 2017 a porcentagem do PIB investida em P & D foi de apenas 1%. A descontinuidade ou a diminuição de recursos para bolsas pode causar danos irreversíveis para ciência no país, como exemplo: a interrupção de projetos em andamento que pode significar a perda dos recursos investidos e escassez de cientistas qualificados. Por consequência, os impactos de médio e longo prazo poderão ser observados em diversos setores, desde a saúde até a economia. Sem inovação a economia tende a desacelerar, o que pode levar a uma crise econômica. A pesquisa e desenvolvimento enriquecem a pauta de comércio não apenas em valor agregado, mas no acréscimo de conhecimento.

- b. O que podemos fazer?

Você pode conversar com sua família e amigos conscientizando-os sobre a importância dos investimentos em pesquisa e em educação. Você que não é pesquisador, mas compreende a importância da pesquisa e da educação para o desenvolvimento de um país pode compartilhar os textos estudados com seus amigos. Você que é pesquisador e/ou educador pode começar simplesmente divulgando para a sociedade o seu trabalho e seu projeto de pesquisa além de enfatizar sobre a importância deles em um cenário global. Os pontos cruciais devem ser a valorização da divulgação científica e a popularização da ciência buscando aproximá-la cada vez mais do restante da sociedade. Precisamos, nos dias atuais, divulgar o papel da ciência em nossas vidas pois estamos lutando contra uma grande desvalorização das pesquisas, tanto por parte do governo quanto da população. Quanto mais pessoas entenderem o papel importante dos estudos para a

melhoria do nosso dia a dia, mais força ganharemos para conseguir dar continuidade aos trabalhos científicos.

Correção da Atividade 2

Como você foi orientado a registrar as informações à medida que ia estudando para que tivesse um melhor entendimento de sua rotina de estudo e, assim, poder reorganizá-las de forma eficiente, esperamos que consiga ter desenvolvido um bom hábito de estudo e documentação. Comente, de forma sucinta, como desenvolveu seus estudos visando promover uma boa aprendizagem nesta disciplina.

SAIBA MAIS

Informações adicionais

Curiosidades sobre o tema

A construção do nosso conhecimento é uma busca contínua. Por isso, amplie sua pesquisa fazendo, pelo menos, algumas das leituras aqui sugeridas:

BERNHEIM, Carlos Tünnermann e CHAUI, Marilena de Souza. Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. Brasília: UNESCO, 2008. 44 p.

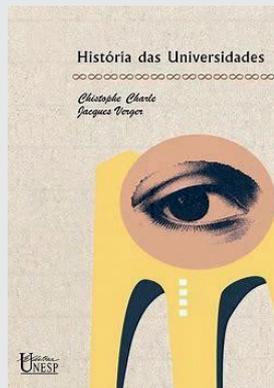
Bernheim e Chauí (2008) destacam que o conhecimento e a informação têm obtido lugar de destaque nos processos que configuram a sociedade contemporânea. Pelo papel que as instituições de educação superior desempenham na construção do conhecimento necessário à sociedade pode-se inferir de que elas podem ser consideradas como organizações do conhecimento. “Estamos assistindo à emergência de um novo paradigma econômico e produtivo no qual o fator mais importante deixa de ser a disponibilidade de capital, trabalho, matérias-primas ou energia, passando a ser o uso intensivo de conhecimento e informação” (BERNHEIM e CHAUI, 2008, p. 6). No entanto, os autores alertam para o fato de que a universidade não deve se submeter ao capital, mas preservar e desenvolver suas funções fundamentais à luz da ética e do rigor científico e intelectual. Afirmam que seu reconhecimento está intimamente associado à sua capacidade de pesquisar e se expressar sobre os problemas éticos, culturais e sociais de forma independente e com consciência das suas responsabilidades. Portanto, preservada essa sua condição de fomentadora do conhecimento e de sua autonomia em relação à sua produção, a universidade passa a ser uma organização com estrutura, tecnologia, processos e pessoas, como qualquer outro

tipo de empresa, sendo gerenciada como tal e focada na inovação para transformar-se numa organização do conhecimento. Finalizando, sugerem que a dimensão ética perpassa a prática da ciência e a utilização do conhecimento científico e suas aplicações.

O texto completo pode ser acessado em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/97844/A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Superior%20No%20S%C3%A9culo%20Xxi%20E%20O%20Sinaes%20Uma%20An%C3%A1lise%20Da%20Dimens%C3%A3o%20E-2%80%9CComunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>

E para saber mais em relação ao surgimento das universidades, a indicação é do livro de Christophe Charles e Jacques Verger, publicado em 1996 pela editora da UNESP:

Livro intitulado História das Universidades, apresenta de forma resumida e panorâmica a criação dessa instituição pela civilização europeia ocidental, cujo nascimento se deu na Itália, na França e na Inglaterra, no início do século XIII. Aborda o desenvolvimento da universidade por meio das diferentes épocas históricas arrolando uma série de indicadores (número de estudantes, número de professores e funcionários, seus salários, dados orçamentários e de dispêndio etc.) que permitem compreender a dinâmica institucional do ensino superior em sua época. Outros dados, de natureza mais qualitativa, permitem acompanhar o papel social e político das universidades. Entre esses dados estão aqueles concernentes ao ensino e à pesquisa além daqueles relativos às origens sociais dos estudantes. Mais detalhadamente, está dividido em seis capítulos distribuídos por duas partes que coincidem com grandes épocas históricas: a primeira parte trata das universidades da Idade Média e a segunda vai desde o período aberto pela Revolução Francesa até o fim da 2ª Guerra Mundial. Traz breves menções à América Latina e ao Japão além de, no final, expor uma bibliografia brevemente comentada, constituindo-se, desse modo, numa excelente oportunidade de conhecer a origem das universidades e as suas transformações históricas indispensáveis à vida social, política, cultural e econômica das nações.



Leitura Complementar

Aprofunde seus estudos, consultando as leituras indicadas:

Neves, José Gonçalves das, Garrido, Margarida Vaz & Simões, Eduardo. Manual de competências pessoais, interpessoais e instrumentais: Teoria e prática. 3ª. Ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2015.



Neste manual, você terá informações sobre vinte competências fundamentais para lidar eficazmente com as exigências do dia-a-dia na vida social e no trabalho, tais como, por exemplo, definir objetivos, gerenciar conflitos, trabalhar em equipe, fazer entrevistas ou procurar emprego etc. Cada capítulo é dedicado a uma competência específica e encontra-se estruturado pela descrição conceptual da competência, apresentando um quadro

de análise comportamental e orientações práticas para a treiná-las. Nesse modelo, terá acesso aos fundamentos teóricos e empíricos de cada competência, mas também à análise de casos e a exercícios de autoavaliação e aplicação a situações reais do cotidiano. Por fim, nele está sistematizada a literatura pertinente, articulando os conceitos e os resultados da investigação com propostas concretas de treino e aplicação sobre as formas e implicações práticas de cada competência permeadas de formas de atuação ética para lidar com a diversidade e com o trabalho em equipes, inclusive virtuais. Portanto, este livro é especialmente útil como suporte documental e metodológico na formação e no desenvolvimento de competências profissionais.

TRINDADE, Hélio & BLANQUER, Jean-Michel. (Orgs.). Os desafios da Educação na América Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.



O livro registra as contribuições e os debates ocorridos durante dois dias no Colóquio Internacional América Latina: os desafios da educação, realizado em setembro de 1999, no espaço do Festival do Cinema Latino-americano, em Biarritz (França). Os autores são especialistas latino-americanos e franceses que realizam estudos sobre as questões educacionais na América Latina. A obra está dividida em três capítulos: os desafios do crescimento dos sistemas de ensino, os desafios da abertura dos sistemas de educação, balanço e perspectivas. Na primeira parte, estão agru-

pados os textos que analisam o ensino superior na América Latina, seus problemas, a expansão das universidades, as propostas de reformas do ensino e as experiências da avaliação universitária. Neste livro você encontrará uma visão histórica sobre a implantação da educação superior na América Latina e uma reflexão dos autores acerca do duplo desafio das universidades latino-americanas: o da ampliação de oferta do ensino superior a uma população crescente e o da qualidade. Delineando os desafios e formulando questões, os artigos levam o leitor a refletir que a busca da solução não é apenas tarefa dos educadores ou representantes governamentais, mas de todos os cidadãos latino-americanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final dessa disciplina: Métodos e Técnicas de Estudos.

Nos capítulos estudados, foram abordados assuntos que o acompanharão no curso de Graduação em Administração Pública, modalidade a distância, como também no seu cotidiano fora da Universidade. Neste livro-texto, os assuntos foram abordados de forma sucinta, distribuídos em 3 capítulos. No primeiro Capítulo, foram apresentadas algumas orientações sobre o estudo na Universidade e sobre as diferentes formas de estudar, analisar e interpretar um texto. Os métodos, as técnicas de estudos e os hábitos essenciais para a rotina de estudos enfatizaram o prazer de estudar destacando a relevância da documentação como método de estudo pessoal. Essas dicas podem ser vistas como dispensáveis, já que você percorreu todo o processo de ensino formal [ensinos fundamental e médio] e chegou ao ensino superior, mas são orientações fundamentais, a fim de desenvolver uma leitura compreensiva, essencialmente direcionada ao estudo e à atividade acadêmica e profissional via a experimentação prática. No segundo Capítulo, o foco é em definição e exemplificação de Fichamentos, Resumos, Resenhas e Ensaios, visando ensinar a estrutura e organização de um texto científico. No terceiro Capítulo, teoricamente mais densa, são apresentados conceitos de ciência e conhecimento, seus pressupostos fundamentais em defesa da Universidade como universo de conhecimentos, para que você estude, aprenda e amplie seu horizonte! Não fique restrito ao que está exposto nesse livro-texto. Consulte as referências indicadas e as sugestões de leituras complementares, pois essa é uma forma viável de relacionar a teoria com a prática. Além disso, você aprenderá muito, quanto mais você agir sobre o objeto do conhecimento, você estará mobilizando hipóteses, construídas com base em conhecimentos prévios, relatos, informações, vivências, experiências, ou seja, acionando seu repertório de conhecimentos para compreender novos e antigos fenômenos que se apresentam.

Neste momento em que encerramos esta disciplina, desejo a você muito sucesso nos estudos e no trabalho!

ANEXO 1:

Planejamento Semanal

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado
MANHÃ						
TARDE						
NOITE						

REFERÊNCIAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: 2018.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro: 2005.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022:** informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

BERNABE, Tierno. **As melhores técnicas de estudo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússola do escrever:** desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2006.

BRESCIANI FILHO, Ettore. Processo de criação organizacional e processo de auto-organização. **Ciência da Informação**. Ibict, v. 28, n.3, 1999.

BRUNI, José Carlos; ANDRADE, José Aluysio Reis. **Introdução às técnicas do trabalho intelectual**. Araraquara: UNESP, 1989.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 23.

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Unesp, 1996.

DANTAS, Luiz Antônio de Oliveira. Aplicação do teste de Kolb na análise dos estilos de aprendizagem em ingressantes do curso de Ciências Contábeis. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 1, n. 3, p. 1-14, 2011.

DEMO, Pedro. **Metodologia para quem quer aprender**. São Paulo: Atlas, 2008.

DEMO, Pedro. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas, 2015.

ELSON, Adalberto Teixeira. **Leitura dinâmica e memorização**. São Paulo: Cultura, 2008.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. 3. ed., Regis Ltda., 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HONEY, Peter and MUMFORD, Alan. **The Manual of Learning Styles**. Peter Honey Associates, 1986.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1986.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT**: Comentadas Para Trabalhos Científicos. Curitiba: Juruá, 2015.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2016.

KOLB, David A. **Experiential learning**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1984.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. (1985. 1ª. ed.). 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. **Aprendizagem e consciência social na universidade**. PPGEDU - UFRGS. 192 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. Aprendizagens do estudante universitário. In: LEITE, D.; MOROSINI, M. C. (Orgs.). **Universidade futurante**: produção do ensino e inovação. 2a. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 21-37.

LUCKESI, Carlos et al. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas. São Paulo: Atlas, 2014.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ ABRASCO, 1996.

OECD. **What are the social benefits of education?** Disponível em: <[https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/EDIF%202013--N%C2%B010%20\(eng\)--v9%20FINAL%20bis.pdf](https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/EDIF%202013--N%C2%B010%20(eng)--v9%20FINAL%20bis.pdf)>. Acesso em: setembro de 2020.

OLIVEIRA, Lilian Ribeiro de. E PASSADOR, Claudia Souza. Ensaio teórico sobre as avaliações de políticas públicas. **Cadernos EBAPE.BR.** vol.17, no.2, Rio de Janeiro. Apr./June, 2019. Epub May 30, 2019. <https://doi.org/10.1590/1679-395169657>

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:** elaboração de trabalhos científicos. 7^a. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia.** 10^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Como ler um texto de Filosofia.** 2^a ed. São Paulo: Paulus, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23^a ed. rev. atualizada. (7^a. reimp.). São Paulo: Cortez, 2007.

STERNBERG, Robert J. The theory of successful intelligence. **Review of General Psychology**, v. 3, p. 292-316, 1999.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de estudo e pesquisa em administração.** Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC. Brasília: CAPES: PNAP/UAB, 2009.

REALIZAÇÃO



MINISTERIO DA
EDUCAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



OFERECIMENTO

Este livro é parte integrante do material didático do Curso de Bacharelado em Administração Pública, do Programa Nacional de Formação em Administração Pública, oferecido na modalidade a distância.

ISBN 978-65-89954-12-5

